

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Curso de Arquitetura e Urbanismo

FERNANDA VOIGT DE CARVALHO

**RECICLAGEM DA FÁBRICA DE BISCOISTOS VILLA ANNA
DOCES MEMÓRIAS**

Monografia apresentada à disciplina Orientação de Pesquisa como requisito parcial para conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Setor de Ciências Exatas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Dra. Cleusa de Castro

CURITIBA

2012

À Rejane, minha mãe, por acreditar nos meus sonhos. Ao meu padrasto Raimundo pelo apoio, ao meu amado Christian, pela paciência e carinho e a Cleusa pela atenção e disposição.

“A cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas”

Ítalo Calvino – “*As cidades invisíveis*”

RESUMO

A preservação do Patrimônio Cultural vem ganhando força através de manifestações de instituições governamentais e educacionais, e por vezes iniciativas privadas tem se antecipado nos atos preservacionistas visando beneficiar-se sobre a herança do passado, recorrendo a memória do público.

É sobre esta perspectiva que esta pesquisa vem, sobretudo, analisar a viabilidade de preservar o edifício de uma pequena fábrica em um antigo bairro da cidade de Curitiba, o Alto da Glória. O prédio é de modesta arquitetura da década de 1910, mas todavia de rico potencial histórico e cultural. Para alcançar essa síntese percorre-se um raso panorama sobre a história e situação da preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Industrial no mundo, no Brasil e em Curitiba. Além da contextualização teórica, o entorno e o lote se tornam conhecidos. Para enlaçar os dados se faz uma investigação histórica do trajeto dessa fábrica, intitulada Villa Anna, e o levantamento da situação atual do edifício. A fabriqueta se encontra sob a guarda da família Vendrametto desde sua fundação em 1907 e a terceira geração, a partir daí, administra até hoje e a mantém sobre a mesma função de produzir biscoitos de forma artesanal.

Palavras-chave: Fábrica, Patrimônio, Industrial, Memória, Edifício, Arquitetura.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- FIGURA 1 – FOTO DO PRÉDIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ.
FIGURA 2 – SOCIEDADE GARIBALDI RESTAURADA.
FIGURA 3 – ELEVADOR KELLOGG, BUFFALO – NY, 1917.
FIGURA 4 – ELEVADORES DE GRÃOS EM FORT WILLIAM, EUA, 1914.
FIGURA 5 – FÁBRICA A&G, POR PETER BEHRENS.
FIGURA 6 – FÁBRICA FAGUS, POR GROPIUS E MEYER.
FIGURA 7 - FOTO FÁBRICA HANS POELZIG
FIGURA 8 – FÁBRICA DE TAMBORES DOS IRMÃOS MAUSER, ATUAL SESC POMPÉIA.
FIGURA 9 – SESC POMPÉIA .
FIGURA 10 – INDÚSTRIAS REUNIDAS MATARAZZO.
FIGURA 11 – FÁBRICA ANTARCTICA MOOCA.
FIGURA 12 – FÁBRICA DE TECIDOS PARACAMBI.
FIGURA 13 – FÁBRICA DE TECIDOS BOTAFOGO.
FIGURA 14 – FOTO ENGENHO UNIÃO.
FIGURA 15 – FOTO DA USINA MAMELUCO.
FIGURA 16 – FÁBRICA DE BISCOITOS VILLA ANNA, VISTA DA ESQUINA ENTRE AS RUAS CONSTANTINO MAROCHI E NICOLAU MAEDER, CURITIBA –PR, 2011.
FIGURA 17 - FOTO AÉREA DO LOTE DA INTERVENÇÃO NO BAIRRO SAN JUAN DE LA PALMA EM SEVILHA, ESPANHA.
FIGURA 18 – ESQUINA DO ANTIGO HOSPITAL DA SAN BERNARDO.
FIGURA 19 – ENTRADA PRINCIPAL DO ANTIGO HOSPITAL SAN BERNANDO.
FIGURAS 20 E 21 - VISTA DO PÁTIO PARA AS ARCADAS E DE DENTRO DO PRÉDIO PARA O PÁTIO.
FIGURAS 22 E 23 – INTERIOR DO HOSPITAL DE SAN BERNARDO RECICLADO.
FIGURAS 24 E 25 – LATERAIS COM ARCADAS NAS LATERAIS DO PÁTIO.
FIGURAS 26 À 30 – INTERIORES DA INTERVENÇÃO.
FIGURAS 31 E 32 – ACESSO DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA DE SEVILHA.
FIGURA 33 – CROQUI.
FIGURA 34 – PLANTA TÉRREA DA INTERVENÇÃO.
FIGURA 35 – PLANTA 1º PAVIMENTO DA INTERVENÇÃO.
FIGURA 36 – PLANTA MEZANINO DA INTERVENÇÃO.
FIGURA 37 – SECÇÃO TRANSVERSAL.
FIGURA 38 - SECÇÃO LONGITUDINAL.
FIGURA 39 – CROQUI.
FIGURA 40 – FOTO INTERVENÇÃO.
FIGURA 41 – ESQUEMA EXPLICATIVO DA INTERVENÇÃO (PELA MSB Arquitetura.)
FIGURA 42 – FACHADA RESTAURADA.
FIGURAS 43 À 46 – INTERIOR DA INTERVENÇÃO.
FIGURA 47 – SEMELHANÇA FORMAL ENTRE VOLUMES.
FIGURA 48 – SITUAÇÃO.
FIGURA 49 – PLANTA TÉRREA DA ANTIGA FÁBRICA DE MANTEIGA RECICLADA.
FIGURA 50 – PLANTA 2º PAVIMENTO DA ANTIGA FÁBRICA DE MANTEIGA RECICLADA.
FIGURA 51 – ELEVAÇÃO DA FÁBRICA E DA NOVA CONSTRUÇÃO.
FIGURA 52 – CROQUI.
FIGURA 53 – PASSARELA ENTRE ANEXOS.
FIGURA 54 – FOTO AÉREA.
FIGURA 55 – FECHAMENTO DE MADEIRA DE ARAUCÁRIA.
FIGURA 56 – IMPLANTAÇÃO.
FIGURA 57 – PLANTA TÉRREA.
FIGURA 58 – CORTE AA.

FIGURA 59 – CORTE BB.

FIGURAS 60 E 61 – FOTOS DAS PASSARELAS TRELIÇADAS DE MADEIRA, INSPIRAÇÃO DA ARQUITETURA VERNÁCULA LOCAL.

FIGURA 62 - INTERIOR RESTAURADO DO MOINHO E O MAQUINÁRIO DE ARAUCÁRIA E QUE INSPIROU FANUCCI E FERRAZ.

FIGURA 63 - INTERIOR DO MUSEU, DESTAQUE PARA OS PILARES.

FIGURA 64 - PARA O ESCOAMENTO DE ÁGUAS PLUVIAIS, GÁRGULAS DE CONCRETO SOBRE A OFICINA DE PANIFICAÇÃO.

FIGURA 65 - CORTINAS ESCURECEM O AUDITÓRIO.

FIGURA 66 – BODEGA IMPLANTADA NO INTERIOR DO MOINHO.

FIGURA 67 – INTERIOR DA ESCOLA DE PANIFICAÇÃO.

FIGURA 68 – FACHADA DA CONFEITARIA COLOMBO.

FIGURA 69 – INTERIOR DA CONFEITARIA COLOMBO.

FIGURAS 70 À 72 – FOTOS DA CONFEITARIA COLOMBO.

FIGURA 73 – VISTA DA ESQUINA DA PADARIA AMÉRICA.

FIGURA 74 – FOTO CONFEITARIA DAS FAMÍLIAS.

FIGURA 75 – GRÁFICO RETIRADO DO SITE DO IPPUC EM 28/09/12, RESPECTIVO AO CENSO DE 2010.

FIGURA 76 – FOTO AÉREA DO BAIRRO ALTO DA GLÓRIA.

FIGURA 77 – ENTORNO DO TERRENO DA VILLA ANNA (MARCADA EM VERDE).

FIGURA 78 – FOTO AÉREA DO ENTORNO DO TERRENO DA VILLA ANNA.

FIGURA 79 - ÚNICO BISCOITO QUE LEVA O NOME DA ANTIGA FÁBRICA PARANAENSE DE BISCOITOS INCORPORADA A INDÚSTRIA DE ALIMENTOS TIP TOP.

FIGURA 80 - O QUE RESTOU DA ANTIGA FÁBRICA DE ALIMENTOS TODESCHINI EM LOTE À RUA SETE DE SETEMBRO EM CURITIBA. UMA CHAMINÉ EM MEIO A EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS.

FIGURA 81 – ANGELO E MARIA VENDRAMETTO EM FRENTE AO FORNO À DIESEL EM 1928. NAS MAOS DELA A FORMA COM BISCOITOS CRACKNEL.

FIGURA 82 – FOTO ANTIGA DA FAMÍLIA NA ATUAL RUA CONSTANTINO MAROCHI. AO FUNDO O TELHADO DA FÁBRICA, SEM VESTÍGIOS DA CHAMINÉ.

FIGURA 83 – FOTO ANTIGA DA FAMILIA VENDRAMETTO NO PÁTIO AO LADO DA FABRICA

FIGURAS 84 À 86 – EMBALAGENS DAS DÉCADAS DE 30 (CIMA) E 40 (À ESQUERDA).

FIGURAS 87 E 88 – OS CARROS DA FÁBRICA DESCARREGAVAM A MATÉRIA PRIMA NA ESQUINA DAS RUAS CONSTANTINO MAROCHI E NICOLAU MAEDER.

FIGURA 89 - FOTO DA FÁBRICA EM 1927.

FIGURA 90 – FAMILIA VENDRAMETTO E FUNCIONARIOS DA FÁBRICA.

FIGURA 91 – ANTIGO CARIMBO PARA ETIQUETAR EMBALAGENS.

FIGURA 92 – EMBALAGENS DO BISCOITO CRACKNEL E POLVILHO PICO PATO.

FIGURA 93 – FOTO DE REPORTAGEM DE JORNAL SOBRE O PRIMEIRO FORNO ELÉTRICO DE CURITIBA.

FIGURAS 94 E 95 – COCO ANTES E DEPOIS DE RALADO PARA PRODUÇÃO DO BISCOITO DE POLVILHO.

FIGURAS 96 E 97, DUAS PORTAS DO AMBIENTE DA FÁBRICA, A PRIMEIRA COM TELAS E A SEGUNDA APENAS DE MADEIRA, POR ONDE ENTRAM OS FUNCIONÁRIOS.

FIGURA 98 – PORTA DE SAÍDA DO DEPÓSITO DE SECOS PARA A LATERAL DO TERRENO.

FIGURAS 99 E 100 – RESPECTIVAMENTE ESQUADRIA METÁLICA DA ÁREA DE PRODUÇÃO DA FÁBRICA E ESQUADRIA INTERNA ENTRE COZINHA E DEPÓSITO DE SECOS.

FIGURA 101 – FOTO DA OFICINA DE MARCENARIA DO PROPRIETÁRIO, LOCALIZADA NO MESMO LOTE DA FÁBRICA.

FIGURA 102 – ANTIGA PAREDE QUE FOI RECORTADA PARA RECEBER AS MÁQUINAS QUE FABRICAVAM OS COPINHOS DE SORVETE, HOJE NÃO MAIS PRODUZIDOS NA VILLA ANNA.

FIGURA 103 – MOEDOR DE AÇUCAR CRISTAL.

FIGURA 104 – BASE DA CHAMINÉ.

FIGURAS 105 E 106 – FORROS COM AMEAÇAS DE QUEDA.

FIGURA 107 – DETALHE.

FIGURAS 108 À 112 – ARMAZENAMENTO E PENEIRA DE FARINHA DE TRIGO. BATEDEIRA INDUSTRIAL, PAINEL DE DERRETER AÇUCAR E BISCOITOS DE MELADO RECENTES TIRADOS DO FORNO.

FIGURAS 113 À 117 – PRODUÇÃO DOS BISCOITOS.

FIGURA 118 – BISCOITOS POSTOS PARA O RESFRIAMENTO.

FIGURA 119 – BISCOITOS NA ESPERA PARA SEREM “GLACEADOS” NA MÁQUINA AO LADO.

FIGURA 120 – PRATELEIRAS DA LOJA DA FÁBRICA.

FIGURA 121 – ENTRADA DA FÁBRICA, PELA RUA CONSTANTINO MAROCHI.

FIGURA 122 – FACHADA RUA CONSTANTINO MAROCHI.

FIGURA 123 – ESQUINA RUAS NICOLAU MAEDER E CONSTANTINO MAROCHI E SKYLINE DE PRÉDIOS ESPELHADOS.

FIGURAS 124 À 127 – FOTOS DA FÁBRICA DE BISCOITOS EM 2012.

FIGURA 128 – PLANTA BAIXA VILLA ANNA.

FIGURA 129 – ELEVAÇÃO RUA CONSTANTINO MAROCHI.

FIGURA 130 – ELEVAÇÃO RUA NICOLAU MAEDER.

FIGURA 131 – ELEVAÇÃO A PARTIR DO PÁTIO INTERNO.

FIGURA 132 – FLUXOGRAMA DA PRODUÇÃO DE BISCOITOS ARTESANAIS VILLA ANNA.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1. TEMA E OBJETIVOS	8
1.1.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
1.2. JUSTIFICATIVAS	9
1.3. METODOLOGIA	10
2. SOBRE A MEMÓRIA	11
3. HISTÓRIA DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL	13
3.1. HISTÓRIA DA PRESERVAÇÃO NO MUNDO	13
3.1.1. HISTÓRIA DA PRESERVAÇÃO NO BRASIL	16
3.1.2. HISTÓRIA DA PRESERVAÇÃO NO PARANÁ E EM CURITIBA	16
3.2. QUADRO ATUAL DA SITUAÇÃO DA QUESTÃO PATRIMONIAL NO MUNDO	20
4. SOBRE A PRESERVAÇÃO DE EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS OU ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL	22
4.1. ORIGEM, EVOLUÇÃO E TIPOLOGIAS	22
4.2. ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL NO BRASIL	26
5. ESTUDOS DE CASO	32
5.1. RECICLAGEM DO ANTIGO HOSPITAL DE SAN BERNARDO – Centro de Convivência	33
5.2. RECICLAGEM DA ANTIGA FÁBRICA DE MANTEIGA – Residência	40
5.3. RESTAURO E REQUALIFICAÇÃO DO ANTIGO MOINHO COLOGNESE – Museu e Escola de panificação	45
6. RECICLAGEM DA FÁBRICA DE BISCOITOS VILLA ANNA – A proposta	52
6.1. CAFETERIAS, CONFEITARIAS E PADARIAS	52
6.2. O LOTE - ANÁLISE E DIAGNÓSTICO	55
6.3. A HISTÓRIA DA FÁBRICA	58
6.4. LEVANTAMENTO – SITUAÇÃO ATUAL DO PRÉDIO	61
6.5. PROGRAMA E DIMENSIONAMENTO	65
7. LEIS SANITÁRIAS	67
CONCLUSÃO	68
BIBLIOGRAFIA	69
WEBGRAFIA	70
FILMOGRAFIA	73

1. INTRODUÇÃO

1.1 TEMA E OBJETIVOS

O tema escolhido refere-se à área de Projeto com ênfase em Patrimônio Cultural. Portanto, a pesquisa abrangerá estudos sobre o conceito e importância da memória, teorias de preservação, história da arquitetura industrial e a história e memória relacionadas à Fábrica de biscoitos Villa Anna no bairro do Alto da Glória na cidade de Curitiba. Para propor o novo uso será especulado sobre as necessidades, dimensionamento e programa arquitetônicos mais adequados para o seu funcionamento e integração ao atual uso.

O objetivo é compor uma proposição que preserve o edifício da atual Fábrica, agregando-lhe novo e contínuo uso, que garanta sua permanência no entorno e na lembrança de todos os usuários, além de buscar um melhor estado de conservação sem anular o uso desde quando foi fundada e que permanece até hoje.

1.1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar uma revisão bibliográfica sobre a questão do Patrimônio Histórico no mundo, no país, no estado do Paraná e na cidade de Curitiba.
- Apresentar estudos de caso que possam sustentar a proposta de intervenção na Fábrica de Biscoitos Villa Anna.
- Compreender os aspectos que tornam o edifício parte interessante da região e da cidade e digno de preservação estudando características físicas e populacionais do bairro e do lote.
- Entender as necessidades e dimensionamento atribuídos ao atual uso, através do levantamento arquitetônico da edificação em sua disposição atual.
- Programar e dimensionar as necessidades para a nova proposta de uso de forma a manter em funcionamento o uso atual, como fábrica de biscoitos artesanais.
- Dar início ao processo de consolidação de partido arquitetônico que melhor atenda à proposta projetual.

1.2 JUSTIFICATIVA

Escolhi o tema devido a admiração pelo patrimônio histórico (especialmente o industrial), este que é cheio de memória, e assim ensina e mobiliza as pessoas em diferentes níveis, uma qualidade em comum com a gastronomia, que une as pessoas e eventualmente acompanha um bom bate papo ou uma nova amizade, provocando os sentidos.

A partir de diálogos sobre a escolha do tema para o Trabalho Final de Graduação, o professor Humberto Mezzadri sugeriu que eu visitasse a Fábrica de biscoitos Villa Anna, no Alto da Glória. De fato, apesar de não ser familiarizada com a região, o contato com o lugar foi, além de acolhedor, surpreendente. Houve a descoberta de que a esquina das ruas Constantino Marochi e Nicolau Maeder hospeda um edifício de 1907 (algumas fontes alegam 1914), convivendo com um *skyline* de altos edifícios espelhados, num contraste belíssimo. Em conversas com o gerente da empresa descobri que ali havia muitas histórias e soube que muitos clientes fielmente vêm de longe para visitar a loja da fábrica e adquirir os produtos considerados artesanais.

Portanto, acreditando na substancialidade do tema e riqueza cultural do lugar, aderi ao desafio de tomar essa pequena fábrica e um possível meio de preservá-la como tema de pesquisa e TFG.

Quanto à relação entre a construção e as necessidades de suas dependências, Carlos Lemos (1985) alega que “O uso do edifício nas condições previstas pelo projeto é, já de início o primeiro fato de sua conservação garantida.”. Isto é o que ocorre na Fábrica de Biscoitos Villa Anna, concebida em 1907, no mesmo edifício em que funciona até hoje, e atuando com o mesmo produto. Lemos (1985) ainda afirma que “... a primeira norma de conduta ligada a ‘como preservar’ é manter o bem cultural, especialmente o edifício, em uso constante e sempre que possível satisfazendo a programas originais.”

Atualmente a fábrica não tem a mesma procura de seus melhores dias; o bairro se tornou povoado majoritariamente por adultos e idosos. Havia antes uma escola vizinha, que não existe mais, de onde provinham os maiores consumidores, as crianças, que já não frequentam mais o bairro. O proprietário, Carlos Vendrametto, faz questão de manter a forma artesanal de produção, sem aumentar

a produção ou investir em marketing, o que tornou o produto pouco competitivo com grandes indústrias, mas os biscoitos produzidos de forma artesanal ali são receitas de família e impossíveis de serem feitos em escala industrial.

Hoje, os produtos mais populares (melito, rosquinha e polvilho pico pato) são encontrados nos mercados e mercearias de Curitiba e outros de menor procura, porém mantenedores de consumidores fiéis, como o biscoito Cracknel, sem gorduras e açúcares, podem ser adquiridos na loja da própria fábrica e em outras lojas e confeitarias especializadas da cidade, como por exemplo, a confeitaria Brioche no Batel e a Casa das Bolachas, no Centro.

Visando reavivar esse espaço cheio de carinho pelos adultos e principalmente idosos de Curitiba e do bairro Alto da Glória, busco, a começar por essa pesquisa, um modo de agregar um novo uso à fábrica, trabalhando os elementos principais do prédio em conformidade com uma infraestrutura capaz de atender a demanda da produção atual e agregar um novo uso ao espaço.

1.3 METODOLOGIA DE PESQUISA

- Pesquisar a arqueologia industrial, como os espaços fabris são vistos na arquitetura, suas características e como eles podem colaborar culturalmente na sociedade atual.
- Pesquisa bibliográfica sobre intervenções em edifícios de interesse patrimonial, o uso de ampliações em prédios históricos para atender as demandas dos usuários através de Estudo de casos.
- Visita e levantamento do edifício existente, especulando a história da obra e dos envolvidos na sua criação e manutenção.
- Entrevistas a usuários e funcionários da fábrica.

2. SOBRE A MEMÓRIA

A memória proporciona uma identidade, é mais do que história, é mais interessante e carrega informações e experiências individuais, como um tempero particular. Rodrigo da Silva e Carlos Eduardo França de Oliveira (2011), indagam se a memória é um fenômeno individual ou coletivo, devido a estudos de filósofos, historiadores e sociólogos que “vem mostrando que a memória individual, quer nos seus aspectos biológicos quer psicológicos, não é mais do que um dos resultados da interação de cada um com seu meio,...”. Já Silva e Oliveira (2011) afirmam que “...toda rememoração é mediada por valores, idéias e condutas de uma sociedade.” A memória esta correlacionada a dinâmica social, o passado não a produz ou detém, isso só ocorre no presente, ela é vulnerável e suscetível a mudanças.

Fazemos do passado um lugar grandioso, os sentimentos do passado ganham uma roupagem bonita, de modo que até o que foi doloroso se torna uma recordação querida. Um bom exemplo se faz no filme “Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças”, do francês Michel Gondry, lançado em 2004, no qual Joel (Jim Carrey) passa por uma crise de relação com sua esposa Clementine (Kate Winslet) e ela vai ao consultório da Lacuna Inc., onde se presta o serviço de deletar memórias e o deleta da sua. Magoado, Joel resolve passar pelo mesmo procedimento, porém durante o processo de apagamento, ele se arrepende e decide manter as recordações. A partir de então, começa a luta de Joel que, emboscado em sua própria mente, tenta impedir que os médicos façam Clementine sumir da sua memória. No caso a trama se desenrola baseada no apego às recordações.

No livro “Os Ojos De La Piel” de Juhani Pallasmaa (2006, p.68), um dos capítulos é intitulado “Espacios de memória e imaginación”, do qual faço menção o primeiro parágrafo:

Tenemos una capacidad innata para recordar e imaginar lugares. La percepción, la memoria y la imaginación están en constante interacción; el dominio de la presencia se fusiona en imágenes de memoria y fantasía. Seguimos construyendo una inmensa ciudad de evocación y remembranza y todas las ciudades que hemos visitado son recintos en esta metrópolis de la mente.

No âmbito da arquitetura, Ulpiano Menezes (1984, p.34) diz em entrevista que “Se não houver memória, a mudança será sempre fator de alienação e

desagregação, pois inexistiria uma plataforma de referência e cada ato seria uma reação mecânica, uma resposta nova e solitária a cada momento, um mergulho no passado esvaziado para o vazio futuro.”¹ enquanto Cleusa de Castro (2004) afirma que “A tradição é dependente da memória e reluta à transformação, mas não existe preservação sem transformação.”. A partir desse princípio pode-se concluir que o apego à memória, além de potencial gerador de tradições, pode ser a causa de relutância da transformação, porém a mesma temida transformação, torna àquela memória, viva.

A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. [...] A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. (CHOAY, 2001, p.18)²

¹MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. “Identidade Cultural e Arqueologia”. IN: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.20, 1984, p. 34.

²CHOAY apud (CUNHA, Claudia dos Reis e. **Alois Riegl e o culto moderno dos monumentos.** Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/05.054/3138>> Acesso em 26 set. 2012.

3. HISTÓRIA DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL

3.1. HISTÓRIA DA PRESERVAÇÃO NO MUNDO

Não há possibilidade de se fazer uma intervenção o mínimo competente em edifício histórico sem ao menos averiguar um panorama geral sobre a história da preservação do patrimônio artístico e cultural, caso de longa trajetória na história do mundo, em prol de manter obras que carregam valores e memória de pessoas, casos, fatos e eventos. Observando o comportamento humano com relação à preservação, percebe-se essa preocupação desde a existência das civilizações. Jukka Jokilehto (apud CASTRO, 2003), organiza a evolução da preservação em quatro fases:

- 1ª. Atitude tradicional – origina-se com a formação da civilização humana, onde as estruturas são preservadas de acordo com seu valor de uso;
- 2ª. Restauração romântica – coincide com o Renascimento italiano, foi retomada com intensidade no século XIX com a chamada “restauração estilística”;
- 3ª. Abordagem conservativa – surge em contraposição à atitude romântica, no final do século XIX, priorizando a autenticidade material e histórica dos monumentos.
- 4ª. Teoria moderna – considera os valores e a autenticidade dos monumentos para estabelecer uma avaliação crítica para orientar a preservação e a intervenção.

Já a ideia que temos hoje sobre o que é Patrimônio, perpetuou-se em fins do século XVIII, com o desdobramento da Revolução Francesa, que promoveu a organização da sociedade como Estado nação, de modo que os bens do clero e da nobreza se tornaram do povo¹. Para consolidar o Estado além de uma unidade política autônoma, é necessária uma integração entre seu território e população, permitida através de uma estrutura cultural e simbólica que firme uma identidade cultural. Em 1790, cria-se uma “Comissão dos Monumentos” a qual inventaria os bens do estado pelo Decreto de 13 de outubro.

¹ “Um dos primeiros atos jurídicos da Constituinte, em 2 de outubro de 1789, foi colocar os bens do clero ‘à disposição da nação. ’ Vieram depois os dos emigrados, depois os da coroa.” (CHOAY, 2001, p. 98).

Não sabendo o que fazer com os bens até então privados, os bens móveis foram guardados em depósitos, que deram origem aos primeiros museus da história. E os imóveis trouxeram discussões, principalmente as igrejas. Houve os templos pagãos que se tornaram cristãos e igrejas mal conservadas que viraram depósitos de sal, de munição e mercados; o convento de Fontevrault foi usado como prisão. Num período de decadência econômica foi permitida a destruição de alguns bens imóveis e a fundição de objetos de prata e ouro e até mesmo das armações de telhados de chumbo e de bronze de várias catedrais. No artigo Convenções de Guerra, de Fernando Rebouças (2009)¹, ele cita que:

Em 1935, em Washington, foi assinado o pacto que tratava em proteger os patrimônios em caso de guerra. O documento foi ratificado pelos países da União Pan-Americana. Em 1899 e 1907, ocorreram as [SIC] Conferência de Haia, considerada o estágio mais importante, antes da convenção de 1954, a respeito da proteção e Leis de Costumes de Guerra.

A proposta era que se usassem sinais que marcassem locais religiosos, artísticos, científicos, equipamentos de saúde e serviços sociais evitando que fossem destruídos durante bombardeios, pela proteção aos patrimônios durante guerras. Porém, durante a Segunda Guerra Mundial ocorreram saques na Alemanha e destruição de diversas instalações públicas. Em 1949, uma nova Convenção de Genebra foi negociada, tratando sobre direito humanitário e na qual entre diversas questões foi abordada a proteção ao patrimônio.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, voltaram os debates sobre o Patrimônio, em 1945 foi fundada a ONU (Organização das Nações Unidas) e no mesmo ano a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) encarregada de ditar os procedimentos para proteger os bens culturais das nações envolvidas. Como frutos destes eventos aconteceram as Convenções de Haia em 1954 e a Carta de Veneza em 1964. Nesse momento houve também uma reconceituação da ideia de patrimônio. A noção de patrimônio cultural foi sobreposta pela de patrimônio nacional, abrangendo os bens materiais (sítios arqueológicos, edificações, acervos de museus, documentos, fotografias e filmes) e imateriais (o

¹Em artigo ao site <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129719por.pdf>, publicado em 14/05/2009 > acessado dia 09/05/2012.

saber fazer e as manifestações culturais, como festas e danças). Segundo o site da UNESCO, atualmente o patrimônio da humanidade consiste nas seguintes categorias:

- *Patrimônio cultural mundial*: composto por monumentos, grupos de edifícios ou sítios que tenham um excepcional e universal valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico.
- *Patrimônio cultural subaquático*: engloba os vestígios de caráter cultural, histórico ou arqueológico da existência do homem, submersos há pelo menos 100 anos.
- *Patrimônio natural mundial*: significa as formações físicas, biológicas e geológicas excepcionais, habitats de espécies animais e vegetais ameaçadas e áreas que tenham valor científico, de conservação ou estético excepcional e universal.
- *Patrimônio cultural intangível ou imaterial*: entende-se por patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

Choay (2001) ainda comenta que a consagração do monumento histórico termina na década de 60, da qual a Carta de Veneza, redigida em 1964, seria um marco simbólico. Tal carta visa à preservação de monumentos históricos como forma de rememorar, a estrutura de um tempo, em termos culturais, arqueológicos e históricos. A primeira Carta de Atenas, escrita em 1931, deu forma inicial a esses princípios e a Carta de Veneza os reexamina para documentá-los mais detalhadamente. Expande a condição de monumento histórico a qualquer criação ou obra com significação cultural. Declama o monumento como inseparável do meio, devido a sua história. Defende-se nessa carta, que todo tipo de tecnologia e conhecimentos sejam utilizados em prol da preservação da memória expressa pelo monumento, coisa ou criação em questão. O documento em questão ainda deixa

claro, que a reconstrução está fora de questão, que apenas a recomposição de partes existentes (anastilose) é permitida, porém integradas de forma reconhecível e reduzidas ao mínimo necessário, conservando e reestabelecendo a continuidade das formas do monumento. Mais de 30 cartas foram escritas depois dela e suas recomendações se mantêm atuais. Trechos da Carta:

A restauração termina onde começa a hipótese.

Os elementos destinados a substituir as partes faltantes devem integrar-se harmoniosamente ao conjunto, distinguindo-se, todavia, das partes originais a fim de que a restauração não falsifique o documento de arte e história.

Quanto às tipologias preservacionistas, há varias formas de classificar os edifícios, em todas as épocas. Por estilos, tamanhos, usos, qualidade, materiais etc. No âmbito de patrimônio, começa-se a classificação por definir o que é ou não patrimônio, uma discussão que não tem conclusão. É como conceituar o belo, apesar de haverem teorias que estabeleçam padrões de beleza, cada pessoa tem razões particulares para crer que algo é belo ou feio. O mesmo ocorre quando se trata de uma rua, uma árvore ou edificação que, além da importância histórica geral do objeto em questão, pode ser um patrimônio incomensurável para uma pessoa e significar nada para outras.

Explorando as teorias, começamos pela do Professor Ambrogio Annoni, no livro *Scienzaed arte del restauro architettonico*, onde, com relação ao estado de conservação dos bens arquitetônicos, classifica-os como: em ruínas, edifícios danificados, porém recuperáveis e construções sãs. Este último pode ainda estar “não original”, devido acréscimos decorrentes da alteração de programas, “incompletos”, ou mutilados, ou totalmente originais, necessitando apenas de revitalização ou reciclagem. (ANNONI, apud, LEMOS, 2000). No livro “O que é patrimonio Histórico”, de Carlos Lemos (2000) ele sintetiza em três diferentes métodos, as vertentes historicistas de importantes teóricos da história da preservação:

- Método historicista: tolera reconstruções recuperadas, desde que apoiada em documentação verdadeira, para demolir intervenções é necessária a documentação comprovando como era a forma original.
- Método arqueologista: somente aceita a consolidação de ruínas, não aceita recomposições, mas sim o uso do espaço por obras modernas. No caso de intervenções posteriores a obra original, elas devem ser mantidas, porque se consolidaram e também carregam valor histórico. É admissível a *anastilose*, reconstrução com base em elementos originais conservados.
- Método científico: não admite reconstruções de ruínas, nem o uso dos seus espaços por outras obras. Na consolidação o uso de novas tecnologias deve ser explícito, partes reconstruídas nunca devem imitar as originais, porem mantendo a harmonia na composição. Segundo Carlos Lemos (1979) “Nos acréscimos novos aos edifícios que necessitam de aumento de área, o estilo a ser empregado é o ‘estuki neutral’”.

Já quanto a como lidar com o patrimônio há alguns princípios defendidos por teóricos. John Ruskin (escritor, poeta e crítico de arte, autor de *As Sete Lâmpadas da Arquitetura*) juntamente com William Morris (pintor e escritor), seguia uma linha contrária a intervenções no patrimônio, tendo em conta que a mudança sofrida pelo tempo pertence ao edifício, além de que, viam a obra arquitetônica como pertencente ao seu criador e às futuras gerações, devendo permanecer intocada ou com manutenção imperceptível.

O arquiteto e historiador francês, Viollet-le-Duc, foi um estudioso da arquitetura medieval e seguia a linha intervencionista de monumentos. Escreveu o *Dictionnaire Raisoné de L'Architecture Française Du XIe au XVIIe siècle* e defendia a “reintegração estilística”, procurando recuperar a integridade dos monumentos, a qualquer custo, mesmo que necessário reconstruir quase a totalidade a partir de ruínas. Em tal método o arquiteto tenta fazer o que o autor original da obra faria, sem deixar claro qual a parte original e qual a nova. Se houverem intervenções visíveis, posteriores à original, estas são demolidas para a reconstrução.

Camillo Boito destacou-se como arquiteto, restaurador, historiador e professor. Boito trabalha tanto com a teoria de Viollet-le-Duc, quanto com a de John Ruskin, praticando a manutenção e conservação baseadas em documentos, usando

da restauração extrema apenas se necessário, considerando o uso e impacto da intervenção sobre a obra original.

Apesar de se basear em documentações, desenhos e fotografias, seus métodos de intervenção sofreram forte influência da “restauração estilística” de Viollet-le-Duc (1), mas, paralelamente, preservava aspectos da degradação natural das edificações (pátina) como prova das marcas deixadas pelo tempo, invocando assim certo romantismo ruskiniano.¹

3.1.1 HISTÓRIA DA PRESERVAÇÃO NO BRASIL

Motivados pela mobilização europeia pela preservação do patrimônio, alguns intelectuais brasileiros promoveram essa ideia nas secretarias e departamentos de cultura. Quando em 1933, a cidade de Ouro Preto foi decretada monumento nacional, essa medida impulsionou o progresso dos serviços de proteção ao patrimônio. Por iniciativa de Gustavo Capanema, ministro da educação e saúde públicas e de Mario de Andrade, em 1937 foi criado o SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), governado por Getúlio Vargas, o país estava buscando ideais de nacionalismo, pela integração territorial. A concepção de patrimônio *genuinamente brasileiro* era diretamente associada à arquitetura colonial e oficial, anterior às mudanças promovidas pela primeira burguesia republicana.

Aproximadamente três décadas depois, o SPHAN foi institucionalizado, tornando-se IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico), juntamente com essa iniciativa veio a ampliação da visão de patrimônio cultural, os debates e a popularização do tema, juntamente em ascensão com a internacionalização econômica e com o turismo cultural.

3.1.2. HISTÓRIA DA PRESERVAÇÃO NO PARANÁ E EM CURITIBA

A informação do site do IPPUC é que o tombamento do acervo do Museu Paranaense em 1941 foi a primeira medida de preservação do patrimônio em

¹Citação de Carlos Lemos (ano1979, p.72), descrita no artigo “O equilíbrio em Camillo Boito”, por Rogério Pinto Dias de Oliveira, disponível no site <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.086/3049> (acessado dia 26/09/2012)

Curitiba. Rompendo com IPHAN, o Paraná fundou o Conselho do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Paraná em 1948, que deu lugar a atual Superintendência Regional do IPHAN no Paraná, sediada em Curitiba. Segundo Lorena Furuzawa (2009), os projetos e ações envolvem o IPHAN, outras Secretarias de Estado e as prefeituras municipais. Pesquisas e movimentações nas áreas de história, arquitetura e arqueologia são desenvolvidas pela Secretaria de Estado da Cultura, através da Coordenadoria do Patrimônio Cultural, bem como a prestação de assessorias técnicas a municípios, orientação de projetos em edificações de interesse de preservação e fiscalização das mesmas.

Em 1971 o Setor Histórico de Curitiba foi delimitado, sugerindo medidas de preservação, restauração e reciclagem de edifícios com valor histórico, como aconteceu com os espaços culturais Solar do Barão e a Casa Romário Martins (descrita como último exemplar de casa colonial portuguesa no centro de Curitiba, no site da fundação cultural da cidade). Em outros bairros temos exemplos como o Teatro Paiol, antes paiol de pólvora e o Centro de Criatividade onde funcionava uma fábrica de cola no Parque São Lourenço.

Como ferramenta de proteção para 586 imóveis de relevante valor histórico para Curitiba, criou-se em 1979 o Setor Especial das Unidades de Preservação (as UIP's) e em 1981, perante o decreto 161/81, o IPPUC isentou de IPTU os proprietários que preservassem e revitalizassem estes imóveis. A isenção de imposto foi insuficiente, então em 1982 passou a vigorar a Lei do Solo Criado, lei na qual o proprietário de uma UIP pode construir no seu lote ou vender o potencial construtivo do seu terreno para quem quer construir maior área, em lote com potencial construtivo inferior, assim obtendo renda para conservar sua propriedade.

Em 1982 formou-se uma Comissão de Avaliação do Patrimônio Cultural, para analisar as UIPs e posteriormente (a partir de 1993) as UIEPs, Unidades de Interesse Especial de Preservação, nas quais a verba da venda do potencial construtivo é diretamente revertido para restauração do imóvel, como foi o caso da Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz, a sede da Sociedade Garibaldi e o prédio da Universidade Federal do Paraná (FURUZAWA, 2009).



FIGURA 1 – PRÉDIO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ



FIGURA 2 – SOCIEDADE GARIBALDI
RESTAURADA

3.2 QUADRO ATUAL DA SITUAÇÃO DA QUESTÃO PATRIMONIAL NO MUNDO

No decorrer do século XVIII ao XIX, a preservação passa a ser vista como iniciativa cultural e científica, isto por que, segundo Beatriz Mugayar kühl, no livro *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização* (2009), nessa época entendeu-se que as gerações futuras não devem ser privadas da possibilidade de ter contato com os conhecimentos que esses bens podem transmitir aos campos do saber, ideia essa que facilitou o âmbito prático como mediador de preservação dos bens, mas não alcançou a finalidade que propõe.

Ainda no mesmo livro, Kühl (2009) também escreve sobre a atualidade que “Os caminhos para atingir os objetivos da preservação não são unívocos, verificando-se atualmente variadas tendências.” Quando se busca a preservação com caráter desde o século XIX. Na Itália, berço das iniciativas preservacionistas, há três vertentes constatadas por alguns autores da atualidade. Uma delas é tratada

por dois autores, Carbonara, que a chama de “crítico-conservativa e criativa” e Gaetano Miarelli Mariani, que a denomina “posição central”. Essa vertente é prudentemente conservativa, e com frestas para uso da criatividade, onde além da análise documental histórica, se faz uma análise crítica do que deve ser mantido, extraído, restaurado ou alterado.

Há a vertente classificada “pura conservação” ou “conservação integral”, esta que defende a conservação em oposição à restauração da obra para o estado em que foi concebida, resumindo muitíssimo os argumentos, isso porque a restauração pode chocar e negar intervenções que já adquiriram valor na memória dos usuários. A outra vertente, “manutenção-repristinação” ou “hipermanutenção” aplica que: “Deve-se consolidar e tratar o existente e operar por substituições apenas onde seja imperativo.” (KÜHL, 2009) e ainda, que esse tratamento retome técnicas e formas do passado.

4. SOBRE A PRESERVAÇÃO DE EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS OU ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL

Na industrialização, quando as novas técnicas superam as produções anteriores, as indústrias necessitaram de estruturas novas e compatíveis com sua demanda, abandonando as antigas fábricas. Muitas cidades se desenvolveram a partir de atividades fabris e com o adensamento urbano, essas estruturas industriais abandonadas se tornaram espaços residuais, fato que ocorre com espaços ferroviários pelas mesmas razões.

A arqueologia industrial surgiu do reconhecimento da relevância da preservação e registro do patrimônio industrial, juntamente com outros movimentos preservacionistas ingleses motivados pelas perdas provenientes da Segunda Guerra Mundial. Seu objetivo é realizar pesquisas partindo de levantamentos históricos, cadastrais, iconográficos e arqueológicos e nas melhores hipóteses resguardar os bens e sítios que se enquadram no Patrimônio Industrial da Humanidade.

4.1. ORIGEM, EVOLUÇÃO E TIPOLOGIAS

Segundo Ademir P. dos Santos (2006), por consequência da Revolução Industrial, a partir do final do século XVIII, a sociedade passa a sociabilizar mediada por objetos industrializados, o modo de vida é redimensionado e emerge a chamada “sociedade industrial” (grifo do autor) e a cultura do mercado de massas, na qual a fábrica e os produtos industriais tornam-se símbolos da busca incessante de satisfação.

...a produção fabril é dividida em três segmentos complementares: o de Bens de Produção (fábricas que produzem máquinas para outras fábricas), o de Bens Intermediários (fábricas que produzem matéria prima) e o de Bens de Consumo (que é o produto final). (IBGE, 2001, apud PEREIRA DOS SANTOS, Ademir, 2006, p.17).

Derivado do Iluminismo, o positivismo referenciou a industrialização como um estágio civilizatório das nações, tornando a capacidade de transformação um parâmetro e a fábrica um ícone do progresso. Na primeira fase da Era Industrial, mais vinculada a uma visão técnica e cultural renascentista humanista, com base na potencialização da capacidade humana, construíram-se muitos moinhos e máquinas

relacionados às propriedades do corpo. Considera-se que houve três revoluções industriais, cada uma correspondente a um tipo de energia e inovações tecnológicas mais recorrentes no respectivo período.

Nascida no século XVIII, a categoria de Arquitetura Industrial começou tímida. As primeiras fábricas levavam características de habitação, distinguindo apenas no tamanho de acordo com a atividade, “Suas paredes em geral feitas de pedra, a cobertura de estrutura de madeira em duas águas e, normalmente, tinham péssimas condições de higiene, ventilação e luminosidade.” (SANTOS, 2006). Com o advento da energia hidráulica possibilitando o motor único, pôde-se verticalizar a fábrica; já no final do século, apesar de ainda possuir uma tipologia habitacional, as estruturas de pedra e madeira começam a ser substituídas pelas de ferro fundido em perfis “I” e “L”, não só pela potencialidade construtiva, como pela resistência ao fogo. Os incêndios em fabricas eram muito comuns e desastrosos por causa do uso da madeira. Consecutivamente houve um avanço das técnicas de produção de vidro, que não só se tornou elemento de destaque na linguagem arquitetônica deste período, como teve sua transparência aliada à economia viabilizada pela iluminação natural nos próprios edifícios industriais.



FIGURA 3 – ELEVADOR KELLOGG, BUFFALO – NY, 1917.

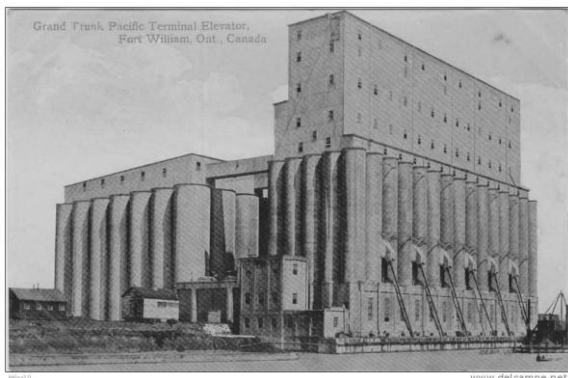


FIGURA 4 – ELEVADORES DE GRÃOS EM FORT WILLIAM, EUA, 1914.

Com o uso do ferro fundido, possibilitando a pré-fabricação de estruturas, sua industrialização e comercialização dessas para construção de edifícios fabris, estas foram vendidas e montadas pelo mundo (o mesmo ocorreu com peças e elementos decorativos de ferro fundido). Em 1872, em Derby, na Inglaterra, o engenheiro William Strutt construiu a primeira fábrica usando pilares de ferro e pisos em abóbadas rasas de tijolos, com seis pavimentos, a partir daí o modelo se reproduziu com variadas dimensões; as paredes com amplas janelas e finas e longas chaminés se tornaram presentes nas paisagens urbanas na Europa.

As máquinas a vapor permitiram a maior mobilidade das fábricas, aproximando-as das cidades e originando um dos problemas do Urbanismo Moderno. As fábricas têxteis, a vapor, necessitavam amplos espaços e se fazia em prédios de 5 a 7 pavimentos, os quais para maior incidência de luz natural possuíam profundidade rasa, de duas vezes a altura do pé direito, formando prédios altos e estreitos. Ainda nesse período, foi aperfeiçoada a “fábrica nave” ou galpão, espaço amplo e contínuo, de planta retangular, térrea ou não, e com telhados inclinados. Buscando luz e ventilação naturais, usaram-se janelas corridas, mansardas, lanternins e, o mais bem sucedido, o shed, que compõe a típica imagem de fábrica da Primeira Revolução Industrial, formando as coberturas com formato de dentes de serra. Benevolo (1998) comenta que as chaminés longas, das caldeiras a vapor, as coberturas com sheds, estruturas de ferro fundido e extensas paredes de tijolos maciços a vista, marcaram as fábricas como elementos destacados nas paisagens e ambientes urbanos.

A aplicação do concreto armado, junto ao vidro e ao aço, na produção industrial, tomou a frente no final do século XIX, representando os espaços fabris da Segunda Revolução Industrial. Esta que, sofrendo influências do Taylorismo, ou Administração Científica, que previa aumento da eficiência operacional em resposta à ênfase nas tarefas, foi fundamentadora da criação de espaços de trabalho otimizados, mais agradáveis para atingir o máximo de produção, resultando nas fábricas em galpões, muitas com dois pavimentos, com aberturas de luz e ventilação laterais e zenitais.

Santos (2006) acredita que na produção da Bauhaus sintetizaram-se arquitetura, arte, engenharia e produção, na Alemanha durante a segunda década do século XX. E considera também a contribuição do racionalismo francês,

produzido por engenheiros-arquitetos da Escola politécnica de Paris (1794), como Pierre-François-Henri Labrouste (1801–1875), Julien Guadet (1834-1908) e depois August Perret (1874-1954); um dos mestres de Le Corbusier (PHILLIPS, 1993, GIEDEON, 1978^a, apud SANTOS). Junto a Corbusier, muitos arquitetos, como Peter Behrens, Walter Gropius, Mendelson, Eero Saarinen, entre outros, “... projetaram fábricas e delas extraíram lições projetuais básicas para a afirmação da Arquitetura Industrial,...” (SANTOS, 2006), e essas lições agregadas a uma bagagem cultural e social foram de forte presença no Movimento Moderno.



FIGURA 5 – FABRICA A&G, POR PETER BEHRENS.



FIGURA 6 – FÁBRICA FAGUS, POR GROPIUS E MEYER.

A Arquitetura Industrial vista desta maneira é algo mais do que um grande edifício ou um conjunto deles. Ela constitui um fenômeno arquitetônico rico para se compreender a urbanização recente e a sociedade contemporânea a partir do século 20, devido à sua avassaladora extensão, associada ao fenômeno da industrialização. Encontra-se aí, nos arranjos espaciais dos ambientes construídos, uma fala silenciosa, que se expressa na disposição de homens e máquinas e na sua localização em determinado lugar do meio físico e social. (PEREIRA DOS SANTOS, Ademir, 2006, p.18).

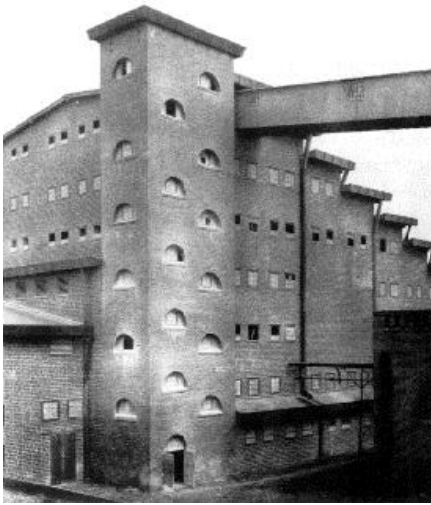


FIGURA 7 - FOTO FÁBRICA HANS POELZIG

4.2. ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL NO BRASIL

Foi na última década do século XIX que se começou a construir fábricas modernas no Brasil, porque, anterior a isso, segundo Hardman e Leonardi: “...durante os três primeiros séculos de nossa história, as atividades industriais (aqui entendidas no sentido genérico do termo) reduziram-se praticamente à fabricação do açúcar nos engenhos e à mineração.” (HARDMAN e LEONARDI, 1982). Atividades que não passaram por mudanças no processo de fabricação nesse longo período.

Surgiram, então, no litoral norte da área paulista, em Angra dos Reis, Parati, Ubatuba, São Sebastião e na Ilha do mesmo nome engenhos de açúcar e de cachaça que tinham como fregueses certos os povos de Minas Gerais. Tais engenhos de pedra e cal, com paredes divisórias de taipa de mão sobre os soalhos dos sobrados, o que favorecia quase que uma planta livre, se caracterizavam pela situação a meia encosta para aproveitamento da energia da água em desnível canalizada em aquedutos em arcos de pedra que se aproximavam pelos fundos e pelo fato de abrigarem sob um mesmo telhado a residência do “engenheiro” e o engenho propriamente dito... (LEMOS, Arquitetura Brasileira. São Paulo, Melhoramentos, 1979. p. 60)

Em paralelo, desenvolveram poucas outras atividades fabris, algumas fundições e fabricas de tecidos. Segundo Cleusa de Castro (2006), próximo a Sorocaba, do século XVI, foi identificada a mais antiga fundição de ferro das Américas. Produziam-se fumo de corda, óleo de baleia, sal, móveis, entre outros. Algumas tribos indígenas, como os Warás e Ticunas, já tinham conhecimentos de tecelagem de algodão, a produção têxtil foi continuada e industrializada na

colonização pelos portugueses, posteriormente se destacando no Pará, Maranhão, Ceará, São Paulo e Minas Gerais. Nas cidades portuárias mais antigas, também se desenvolveram indústrias navais, os estaleiros, sendo que o maior deles situava-se em Salvador.

Como colônia de exploração, Portugal fazia muitas restrições às produções, para manter a dependência de importações e em 1785 mandou que fechassem as manufaturas brasileiras e apenas a fundição de ferro foi mantida, devido à insuficiente produção portuguesa para dar conta da demanda pelo minério de ferro e ouro. Com a vinda da corte para o Brasil em 1808 as manufaturas puderam voltar a funcionar, porém em 1810, um tratado com a Inglaterra, reduzindo tarifas do produto inglês, tornou o produto nacional pouco competitivo. Em 1986 haviam 9 fábricas têxteis no país, 5 delas em Salvador, com atraso de mais de 100 anos em relação à Inglaterra. Apenas em 1869 a máquina a vapor foi utilizada pela primeira vez na indústria têxtil brasileira. No Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais foram criadas fiações.

Diferentemente dos países colonizadores da Europa e dos EUA (colônias de “povoamento”), as fabricas brasileiras não exibiam suas estruturas como mostras de avanço tecnológico, por conta do atraso que a condição de colônia lhe proporcionou. As fábricas desse período se caracterizavam pela planta com extensos pavilhões, “fachadas caiadas com aberturas e platibandas emolduradas” (CASTRO, 2006) coberturas com telhas de barro, esquadrias e estruturas de madeira e chaminés despontando no horizonte.

Apenas no final do século XIX e início do século XX, com investimento de países estrangeiros, o Brasil alcançou a tecnologia e design de estruturas aparentes, o uso de tesouras de telhados e pilares de metal. Destacou-se o padrão “britânico manchesteriano” (CASTRO, 2006) com tijolos a vista, estruturas robustas de concreto e alinhamento simétrico. Exemplos dessa tipologia são: a Fábrica de Tambores Irmãos Mauser (atual SESC Pompéia), as Indústrias Reunidas Matarazzo (ambas em São Paulo) e a Fábrica de Tecidos Botafogo. O padrão alemão, como a Cervejaria Antarctica na Mooca e a Fábrica de Tecidos Carioba, é marcado por construções de dois andares, compactas e com janelas pequenas, com paredes de pintura clara. É geral a presença de janelas repetidas nas fachadas, telhados

recortados aumentando ao máximo a iluminação natural, portões compositivos e ainda as altas chaminés.



FIGURA 8 – FÁBRICA DE
TAMBORES DOS IRMÃOS
MAUSER, ATUAL SESC POMPÉIA.



FIGURA 9 – SESC POMPÉIA,
ATUAL.



FIGURA 10 – INDÚSTRIAS
REUNIDAS MATARAZZO.



FIGURA 11 – FÁBRICA ANTARCTICA MOOCA.



FIGURA 12 – FÁBRICA DE TECIDOS PARACAMBI.

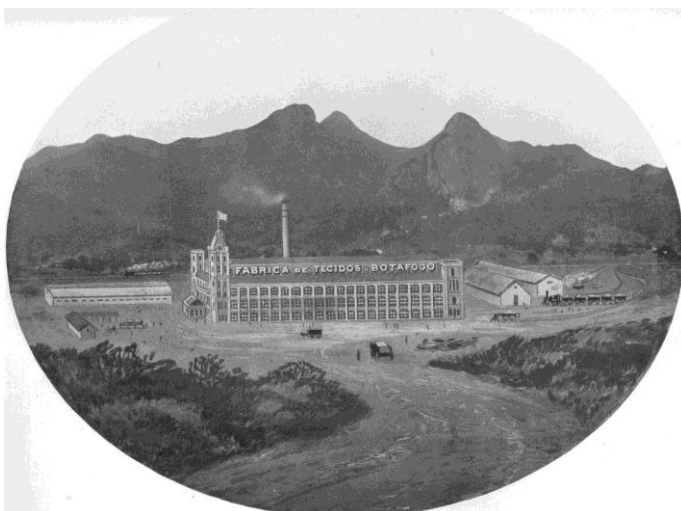


FIGURA 13 – FÁBRICA DE TECIDOS BOTAFOGO.



FIGURA 14 – FOTO ENGENHO UNIÃO.

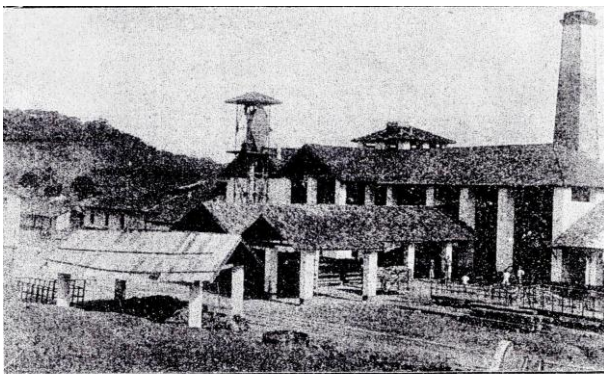


FIGURA 15 – FOTO DA USINA MAMELUCO.

EDIFÍCIO DA USINA "MAMELUCO", de propriedade do Barão de Suassuna

O caso específico tratado nessa pesquisa, a Fábrica de Biscoitos Villa Anna, em Curitiba, é uma fabriqueta que produz biscoitos de forma artesanal, utilizando as mesmas máquinas por décadas e se adequando ao pequeno espaço que ocupa, o público alvo desses produtos procura exclusividade e não grande quantidade a baixo custo. Por isso, hoje a fábrica produz um terço do que já foi sua produção máxima, porém com outro foco, a qualidade e exclusividade que a mantém no mercado há mais de cem anos. Na arquitetura dessa história, a pequena fábrica conserva sua fachada muito peculiar e a chaminé de tijolos à vista, emoldurada por um horizonte de arranha-céus espelhados.



FIGURA 16 – FÁBRICA DE BISCOITOS VILLA ANNA, VISTA DA ESQUINA ENTRE AS RUAS CONSTANTINO MAROCHI E NICOLAU MAEDER, CURITIBA –PR, 2011.

5. ESTUDOS DE CASO

Surgiram muitas críticas negativas ao modo de produção industrial e estruturas pré-moldadas e de rápida execução. Balzac¹ afirmou que “Trabalhando para as massas, a indústria moderna vai destruindo as criações da Arte (...). Nós temos produtos, não temos mais obras” (Balzac, apud, CHOAY, 2001). Enquanto William Morris² alega que “Nada é feito nos dias de hoje direta ou manualmente, tudo é feito segundo regras e obedece ao cálculo. Não é apenas aquilo que nos rodeia exteriormente e o mundo físico que é organizado pela máquina, mas também nosso mundo interior e espiritual”. (MORRIS, apud, CHOAY, 2001).

Esse capítulo é destinado à análise de três casos de projetos de intervenções arquitetônicas em edifícios considerados patrimônio cultural. Ambos incluem, além da conservação, ampliação de espaços com diferentes tipos de anexos e mudança do uso original. O primeiro caso é a Reciclagem do antigo Hospital de San Bernardo, na Espanha. O prédio adquiriu uso totalmente novo e diferente do original, as áreas anexas novas foram distribuídas nos vazios dentro do lote, de modo a não se sobressaírem na fachada original; trata-se de uma intervenção discreta, que usa materiais diferentes dos originais, explicitando o que é novo, mas de textura e cor similares.

O segundo caso é a reciclagem da antiga Fábrica de Manteiga, localizada na Ilha da Madeira, em Portugal; o prédio estava em total abandono e muito danificado e teve seu uso alterado para residencial. Nesse caso a preservação do espaço deu-se pela reestruturação total do interior, mantendo apenas o layout de fachadas com aberturas e revestimento originais. Os arquitetos inserem uma caixa branca dentro da edificação antiga, de modo a não encostar no piso do térreo e nas paredes originais, como se o novo estivesse ali, adentrando aquele espaço ancião com todo respeito, reverenciando, mantendo uma pequena distância. E além da intervenção dentro da fábrica, uma construção nova é feita ao lado, com materiais contemporâneos, mas com volumetria referente à antiga padaria que atendia à fábrica e estava num estado de conservação impossível de recuperação.

¹Balzac, H. de. (Euvrès completes – Scènes de la vie privée (t. 3 e 4), Béatrix (1844). Paris, HOussiaux, 1855.

²Morris, W. “The Restoration of Ancient Buildings”, The Builder, 28 de dezembro de 1878.

O outro caso ocorre no Brasil, no Rio Grande do Sul, é o Antigo Moinho Colognese transformado em Museu do Pão. Nesse caso o todo pode ser dividido em duas intervenções, uma é a restauração do antigo moinho, para fins culturais, qualificando uma revitalização, e outra é a construção do museu e oficina de panificação em anexos dispostos separadamente no terreno, construídos com linguagem contemporânea e ligados entre si ao moinho por passarelas térreas com uma pequena elevação do solo.

5.1 RECICLAGEM DO ANTIGO HOSPITAL DE SAN BERNARDO

Centro de Convivência

O Antigo Hospital San Bernando, no bairro San Juan de la Palma, em Sevilha, Espanha, uma construção do século XVI, catalogada como patrimônio da humanidade. Deixou a função de hospital na década de 70 e já teve a serventia de habitação sacerdotal, no período de 2007 à 2010 sofreu restaurações e intervenções para funcionar como Centro de Convivência. Este caso tem como semelhança a fábrica, objeto dessa pesquisa, estar situado em lote de esquina e já ter sofrido diversas intervenções no seu interior. Além disso é um ótimo exemplo de intervenção discreta, “intra lote”.



FIG. 17 – FOTO AÉREA DO LOTE DA INTERVENÇÃO NO BAIRRO SAN JUAN DE LA PALMA EM SEVILHA, ESPANHA.



FIGURA 18 – ESQUINA DO ANTIGO HOSPITAL DA SAN BERNARDO.



FIGURA 19 – ENTRADA PRINCIPAL DO ANTIGO HOSPITAL SAN BERNANDO.

O prédio possui implantação triangular composta por diversas extensões (“puxadinhos”) e um pátio no edifício principal, o qual, em duas das laterais que o compõem, possui arcadas. A intervenção incluiu a construção de volumes por cima dos originais, recuadas, respeitando o alinhamento da fachada. Foram executadas estruturas novas para estabilizar além dos elementos antigos as intervenções projetadas pelo arquiteto Juan Pedro Donaire Barbero para o novo uso.



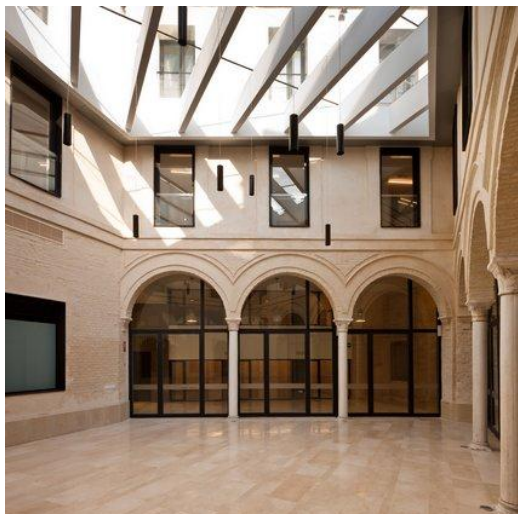
FIGURAS 20 E 21 - VISTA DO PÁTIO PARA AS ARCADAS E DE DENTRO DO PRÉDIO PARA O PÁTIO.



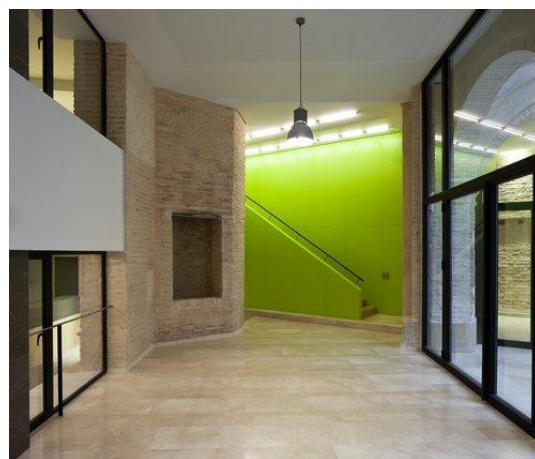
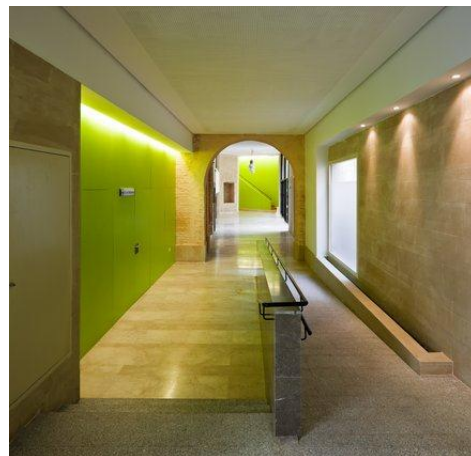
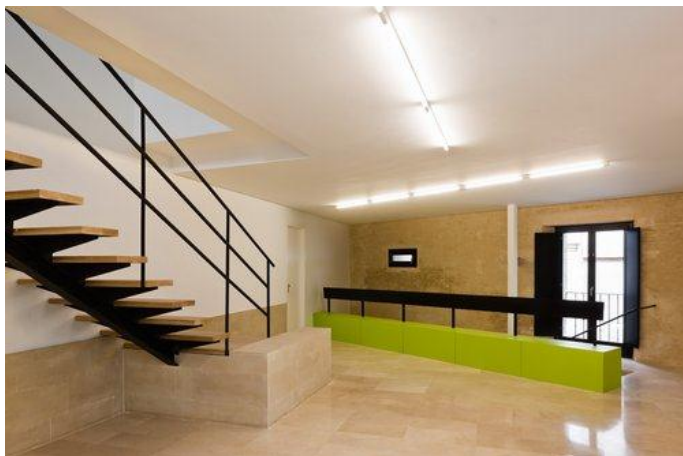
FIGURAS 22 E 23 – INTERIOR DO HOSPITAL DE SAN BERNARDO RECICLADO.

Barbero tirou partido da planta triangular, usando sua posição e morfologia a favor do fato de que, ofertando ao edifício uma função social, ele passaria a ser uma referência e dinamizador do bairro. O autor conservou a volumetria e opacidade das escassas e desordenadas aberturas e utilizou materiais que contrastam com a pintura de cal das paredes existentes. O pátio foi coberto com uma armação com faixas diagonais e amplos intervalos entre elas para passagem de luz.

O edifício é composto por áreas distintas, cada qual com um uso e serviço. A área principal tem formato adaptado ao terreno e prédio original. Para as paredes, se usa o material original, tijolos. Para melhor qualificar o prédio como social, foram usados símbolos populares da tradição andaluza. O casamento entre vanguarda e tradição se faz no contraste aparente entre os materiais.



FIGURAS 24 E 25 – LATERAIS COM ARCADAS NAS LATERAIS DO PÁTIO.



FIGURAS 26 À 30 – INTERIORES DA INTERVENÇÃO.



FIGURAS 31 E 32 – ACESSO DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA DE SEVILHA.

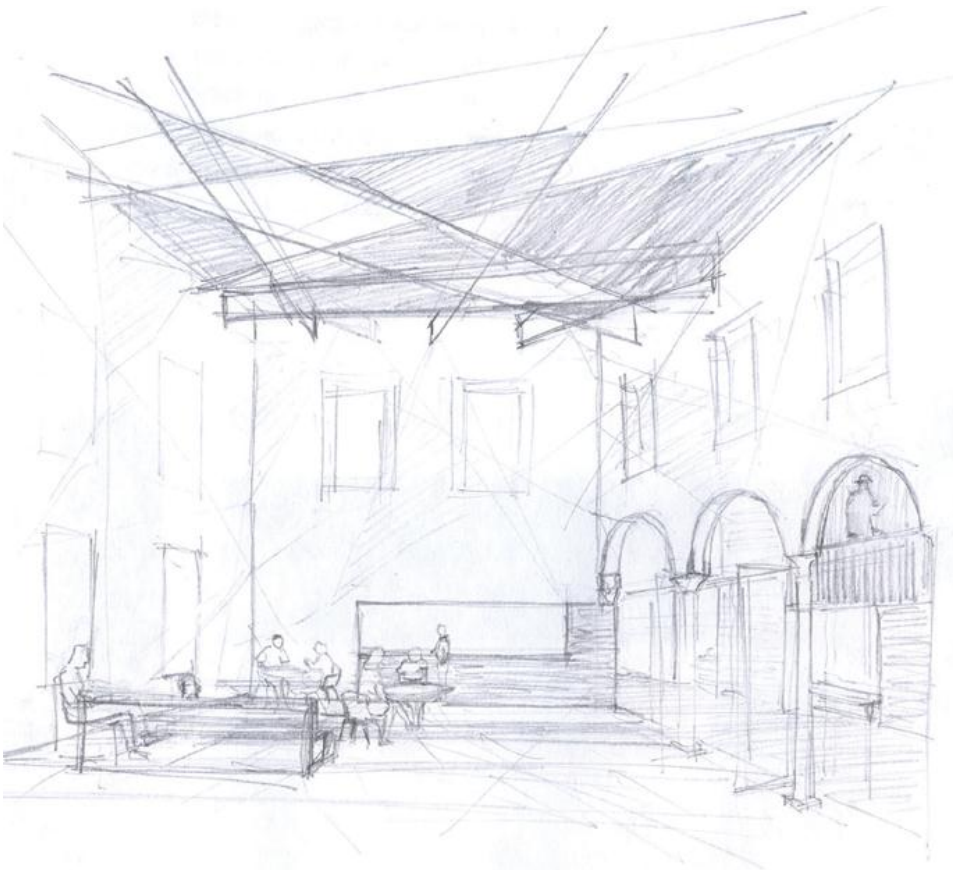


FIGURA 33 – CROQUI.

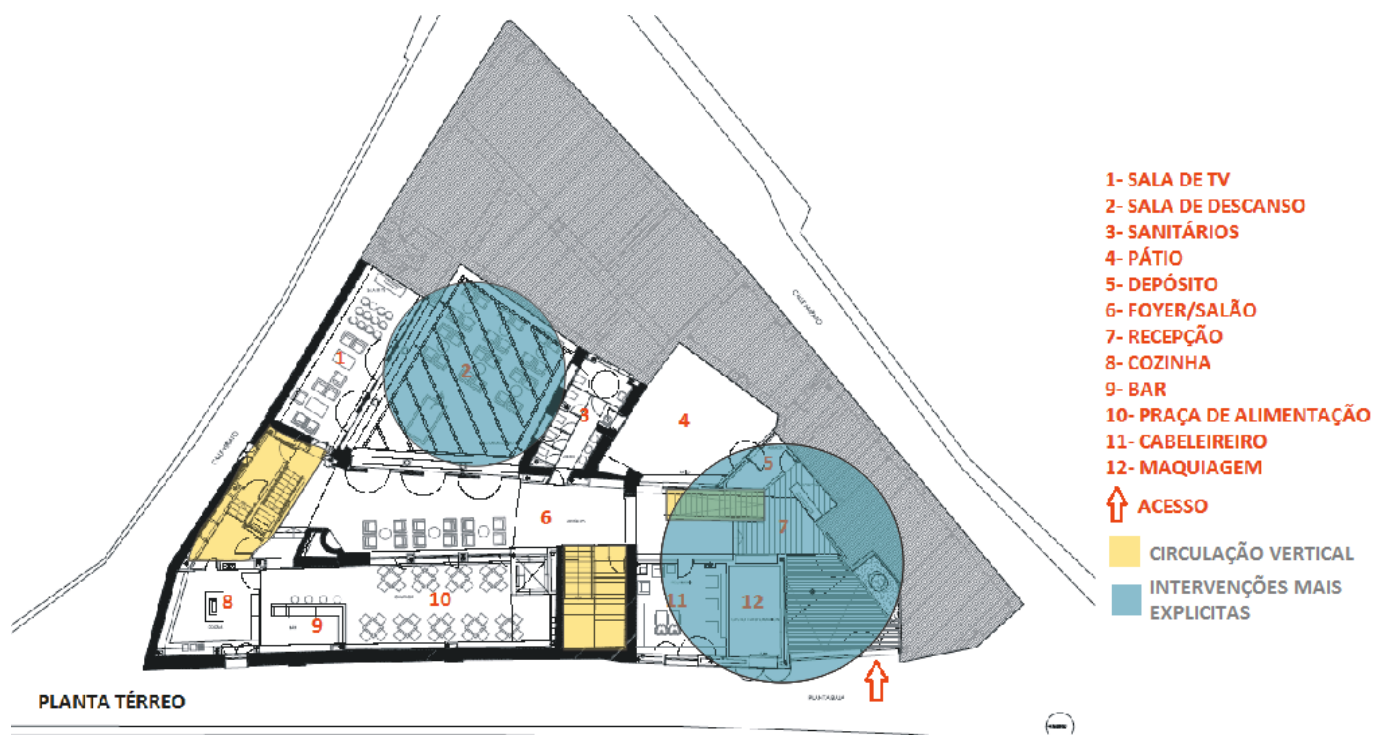


FIGURA 34 – PLANTA TÉRREA DA INTERVENÇÃO.

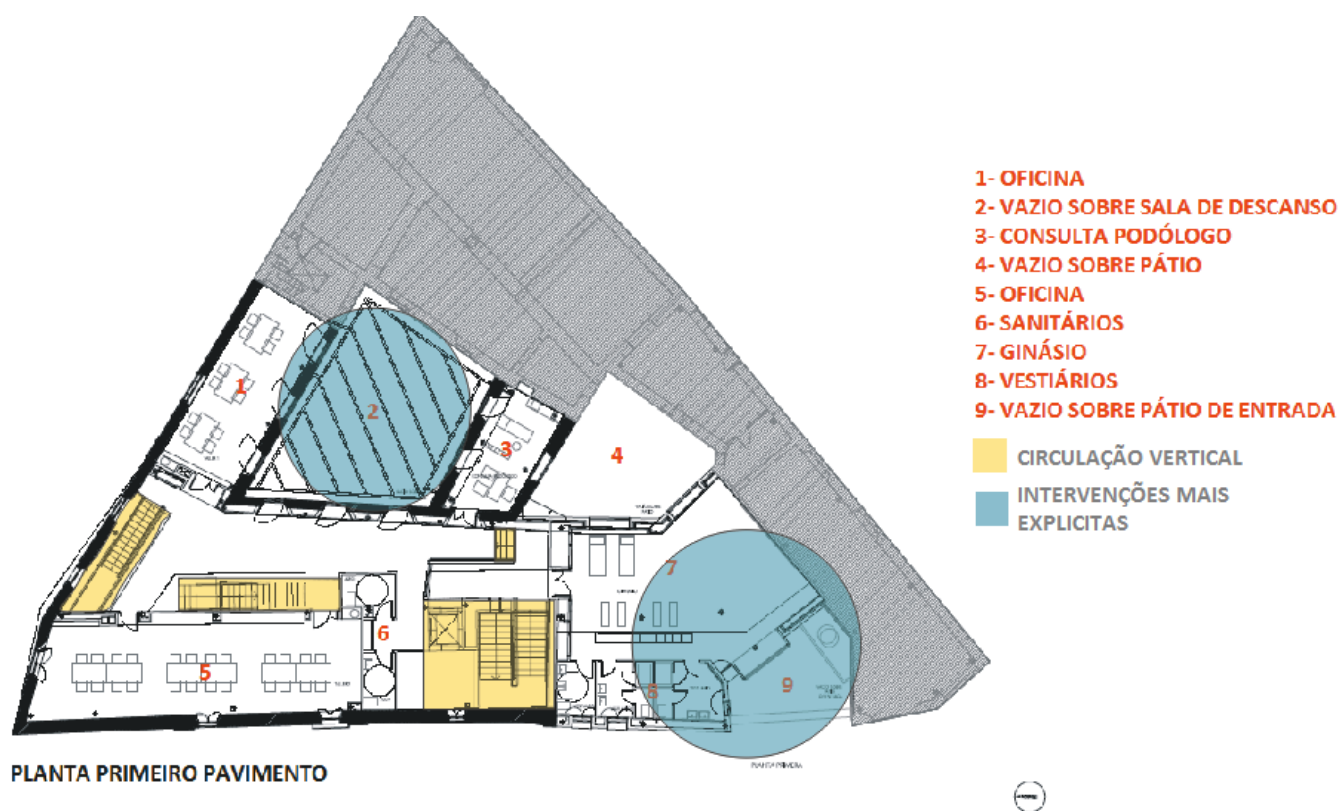


FIGURA 35 – PLANTA 1º PAVIMENTO DA INTERVENÇÃO.

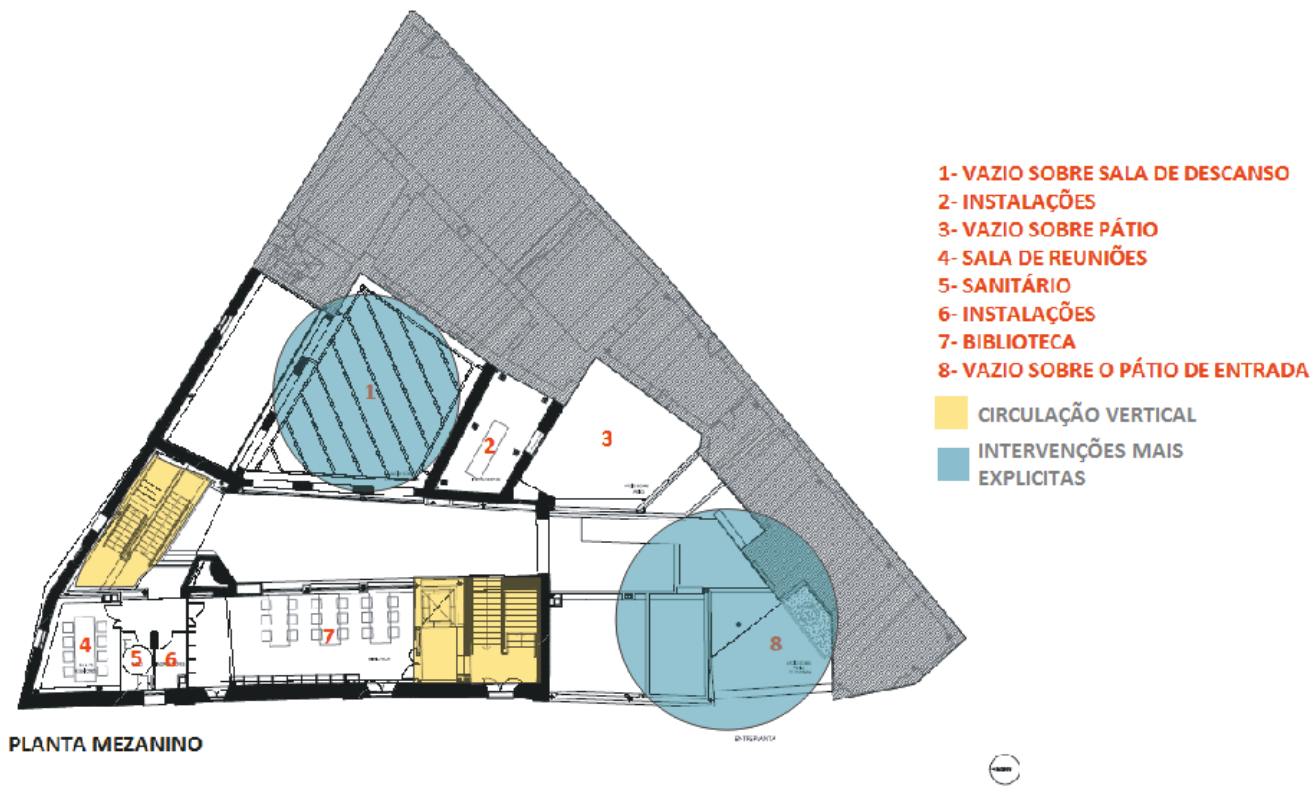


FIGURA 36 – PLANTA MEZANINO DA INTERVENÇÃO.



FIGURA 37 – SECÇÃO TRANSVERSAL.



FIGURA 38 – SECÇÃO LONGITUDINAL.

5.2 RECICLAGEM DA ANTIGA FÁBRICA DE MANTEIGA

Residência

A antiga fábrica de manteiga, localizada na Calheta, Ilha da Madeira-Portugal, numa zona residencial, destaca-se das casas da redondeza pela arquitetura típica de pedras e encontrava-se em estado de ruínas. O que os arquitetos da MSB Arquitetos fizeram foi tratar as patologias, reforçar a estrutura dos fechamentos, trocar a cobertura e dar acabamentos. O interior foi totalmente refeito, mantendo as mesmas cotas. O projeto foi executado em 2010, com 250 m² construídos.

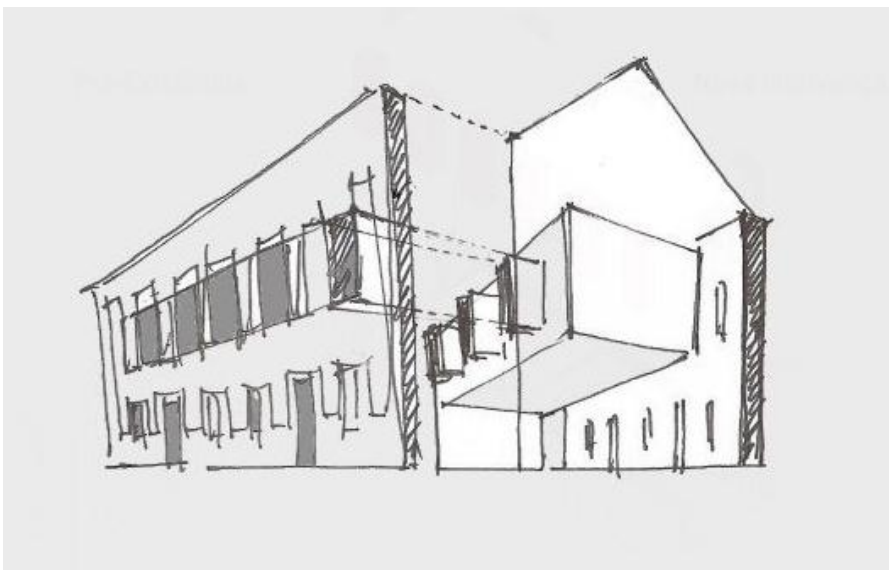


FIG. 39 – CROQUI.

Nesse projeto, atenta-se para o aspecto formal, a função original já não existe, se torna um bom estudo de caso devido a abordagem respeitosa e ousada da intervenção, mostra a opção de manter o aspecto e renovar o uso.



FIG.40 – FOTO INTERVENÇÃO.

No piso inferior do edifício antigo alojam-se cozinha, despensas e sala de estar e no superior três quartos suítes. O piso superior, no entanto, é um novo volume, uma caixa dentro da casca de pedras da antiga fábrica, e buscando essa dissociação, os arquitetos a encaixam com poucas superfícies de contato, suspensa sobre uma viga de metal e com paredes desanexadas e as aberturas das janelas afastadas das paredes, criando uma larga fresta entre a parede da caixa nova e do invólucro receptor, por onde passa a luz das aberturas zenitais.

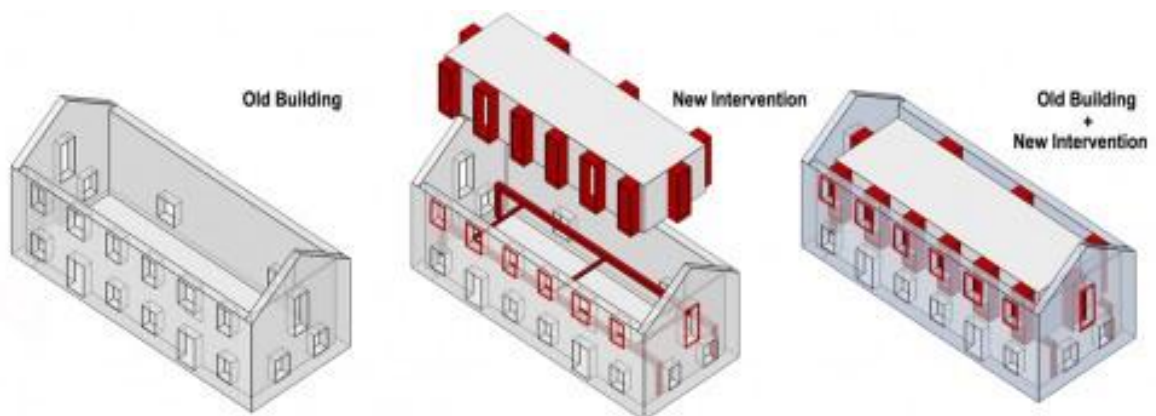


FIGURA 41 – ESQUEMA EXPLICATIVO DA INTERVENÇÃO (PELA MSB Arquitetura.)



FIGURA 42 – FACHADA RESTAURADA.



FIGURAS 43 À 46 – INTERIOR DA INTERVENÇÃO – DESTACANDO AS VIGAS METÁLICAS, A FRESTA ENTRE O NOVO VOLUME E AS PAREDES ORIGINAIS E A ILUMINAÇÃO ZENITAL.

O exterior da fábrica se mantém quase como original e ao lado dela onde havia uma antiga padaria, em estado de impossível reabilitação, foi construída uma nova edificação, preservando a sua implantação e volumetria com linhas limpas, duas águas e de tamanho menor que a fábrica, os materiais

com que foi executada são contrastantemente diferentes da casa de pedras ao lado. No interior, também em dois pavimentos, o térreo alberga uma cozinha e pequena sala e o pavimento superior dois quartos e banheiro com chuveiro. Por ser uma nova construção, esta casa é classificada com uma nova intervenção, mesmo assumindo a mesma volumetria, as fachadas emolduram vãos maiores que os originais e todo o edifício foi revestido com chapas de madeira. Dessa forma assume o tempo em que foi construída e mantém o respeito pela antiga fábrica. A semelhança volumétrica entre as duas caixas cria uma conexão formal estreita sobre a paisagem natural e tranquila, que se mantém inalterada.



FIG. 47–SEMELHANÇA FORMAL ENTRE VOLUMES.

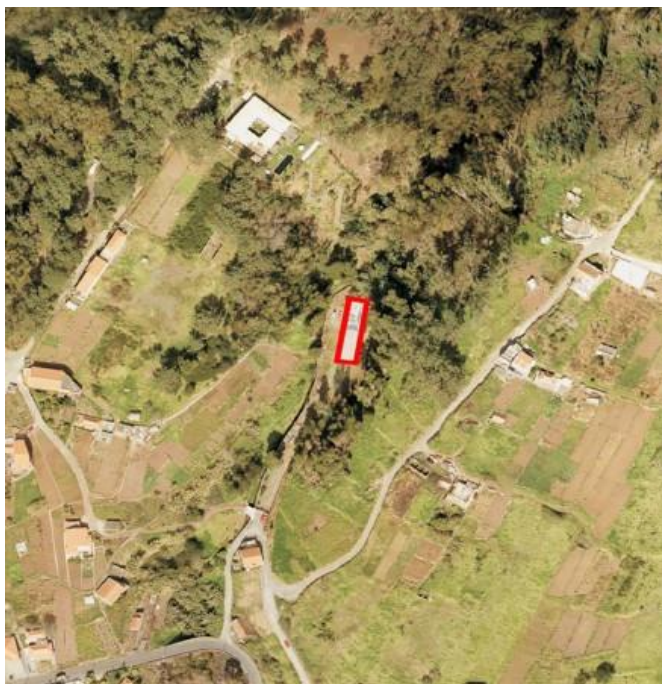


FIG. 48 – SITUAÇÃO.

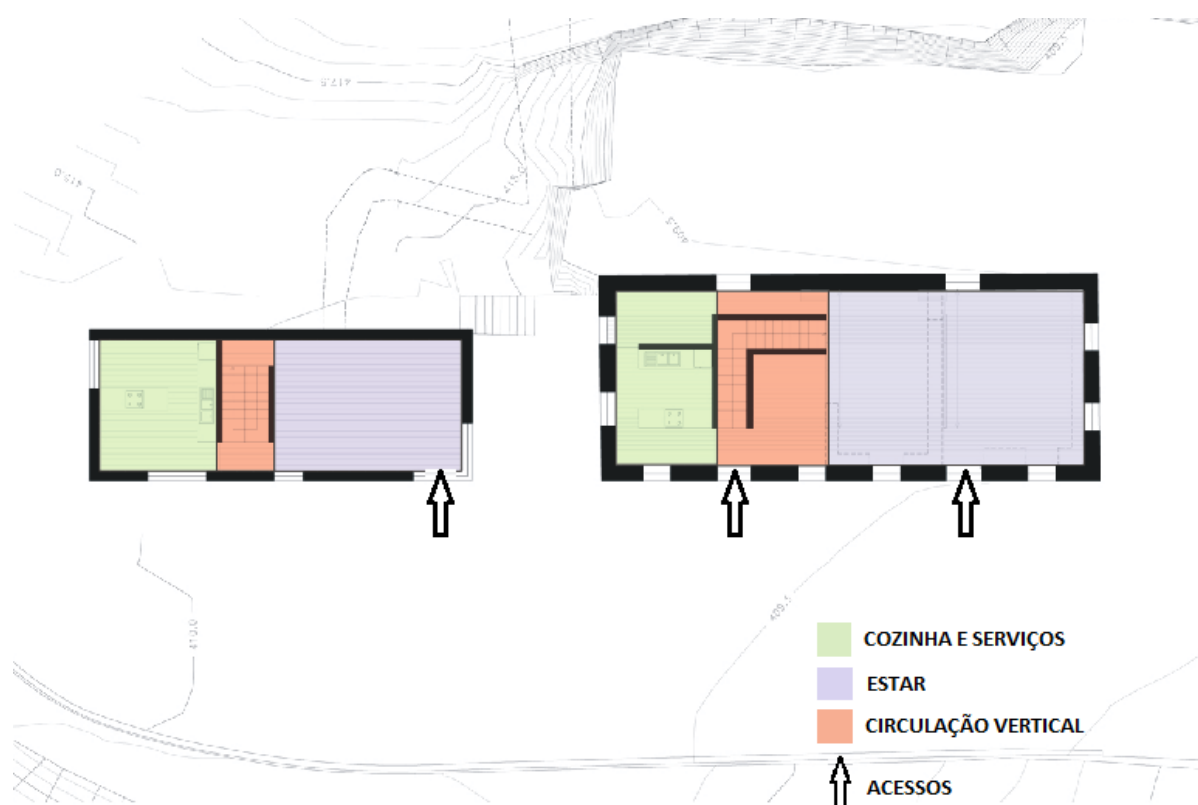
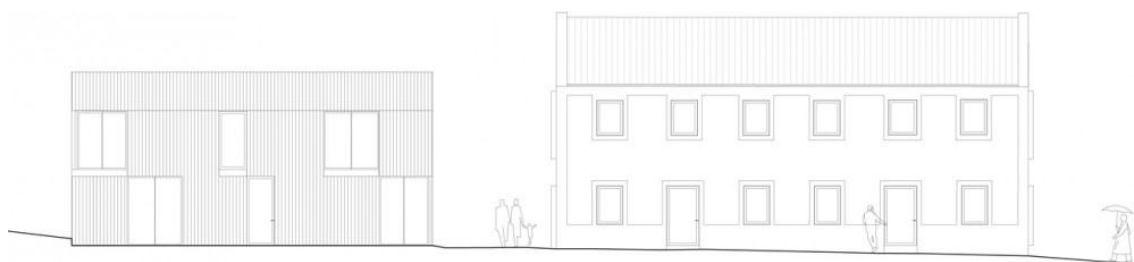


FIGURA 49 – PLANTA TÉRREA DA ANTIGA FÁBRICA DE MANTEIGA RECICLADA.



FIGURA 50 – PLANTA 2º PAVIMENTO DA ANTIGA FÁBRICA DE MANTEIGA RECICLADA.



↑ South Elevation

FIGURA 51 – ELEVAÇÃO DA FÁBRICA E DA NOVA CONSTRUÇÃO.

5.3. RESTAURO E REQUALIFICAÇÃO COM AMPLIAÇÃO DO ANTIGO MOINHO COLOGNESE

Museu do pão e escola de panificação

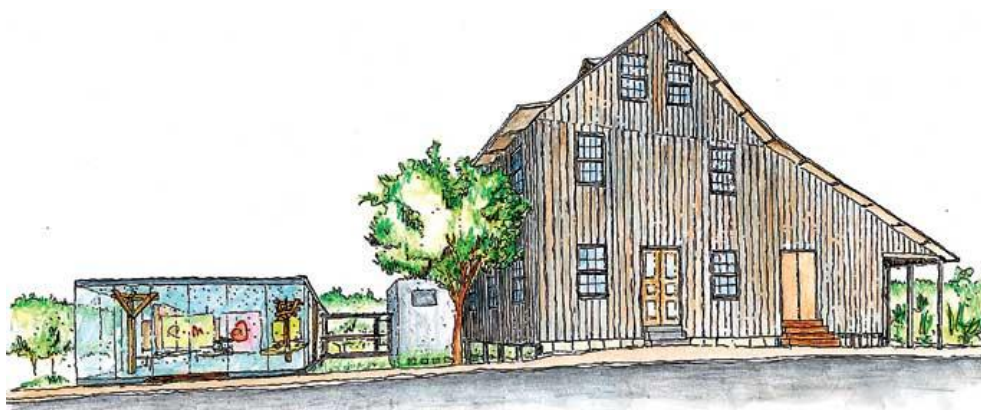


FIGURA 52 – CROQUI.

O Museu do Pão e a Escola de Panificação de Ilópolis-RS, projeto da Brasil Arquitetura, arquitetos titulares: Francisco Fanucci e Marcelo Ferraz, é composta por dois volumes que se acomodam perpendicularmente na lateral e atrás do restaurado Moinho Colongnese, todo construído em madeira por imigrantes italianos, localizado em uma esquina, datado do começo do século passado e abandonado em 1990. Em 2004 fundou-se a Associação dos Amigos dos Moinhos do Alto Taquari que proveu a compra do moinho e seu terreno e com o patrocínio da indústria Nestlé deu-se início ao projeto. No restauro foram recuperados seus elementos e funções originais com a

finalidade de reincorporá-lo ao cotidiano da pequena cidade. O projeto é de 2005 e a obra foi finalizada em 2007, totalizando 660 m² construídos num terreno de 1000m².

Diferentemente dos casos anteriormente citados, o moinho passa por um restauro, e um novo uso o complementa em anexos distintos, que o envolvem perpendicularmente o apresentando a rua. É o caso que quanto ao uso, mais se aproxima da proposta que essa pesquisa antecede, um antigo uso unido a um novo propósito, ganhando nova vida e se exibindo na cidade.



FIG. 53 – PASSARELA ENTRE ANEXOS.



FIG. 54 – FOTO AÉREA.



FIG. 55 – FECHAMENTO DE MADEIRA DE ARAUCÁRIA

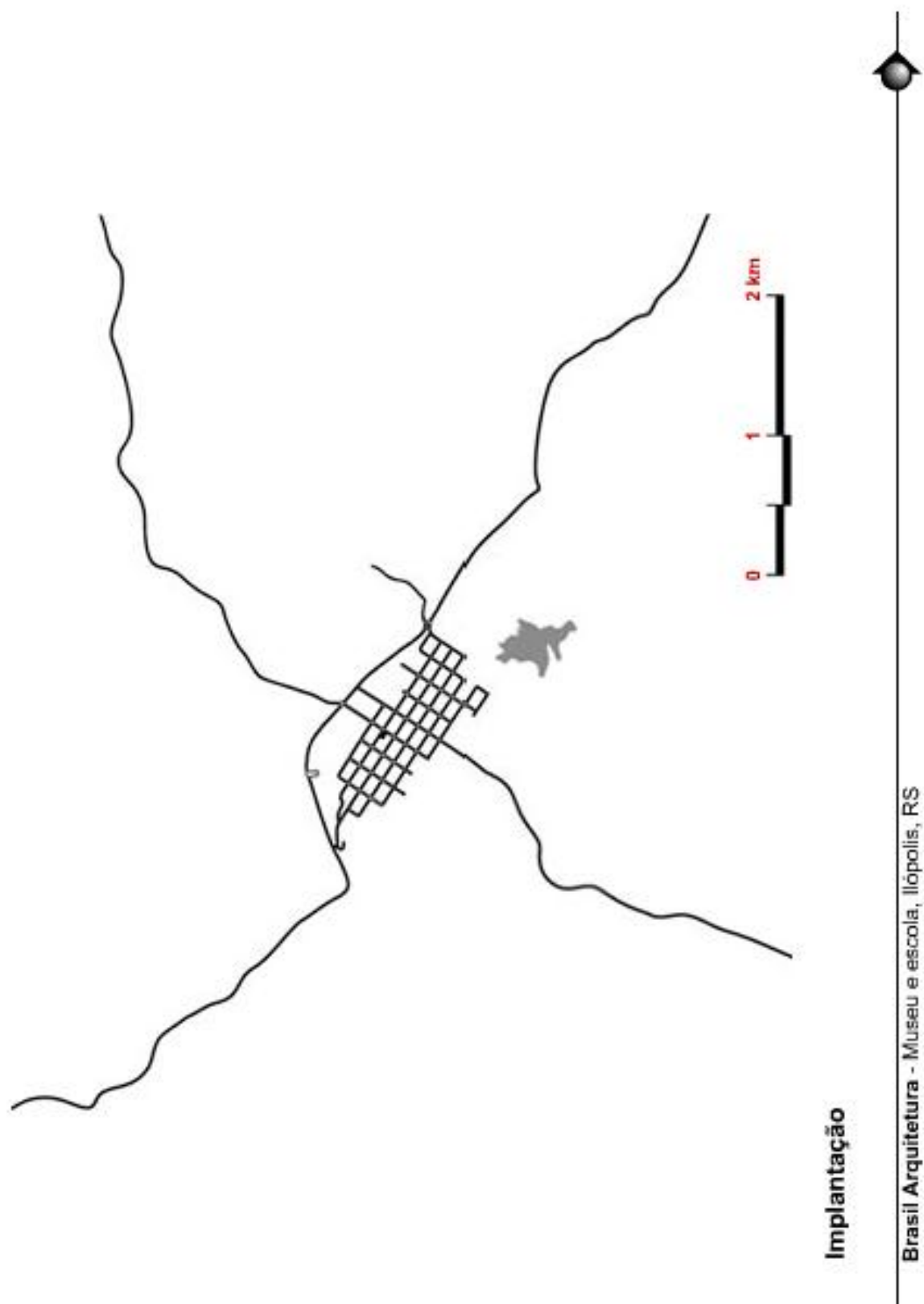


FIGURA 56 – IMPLANTAÇÃO.

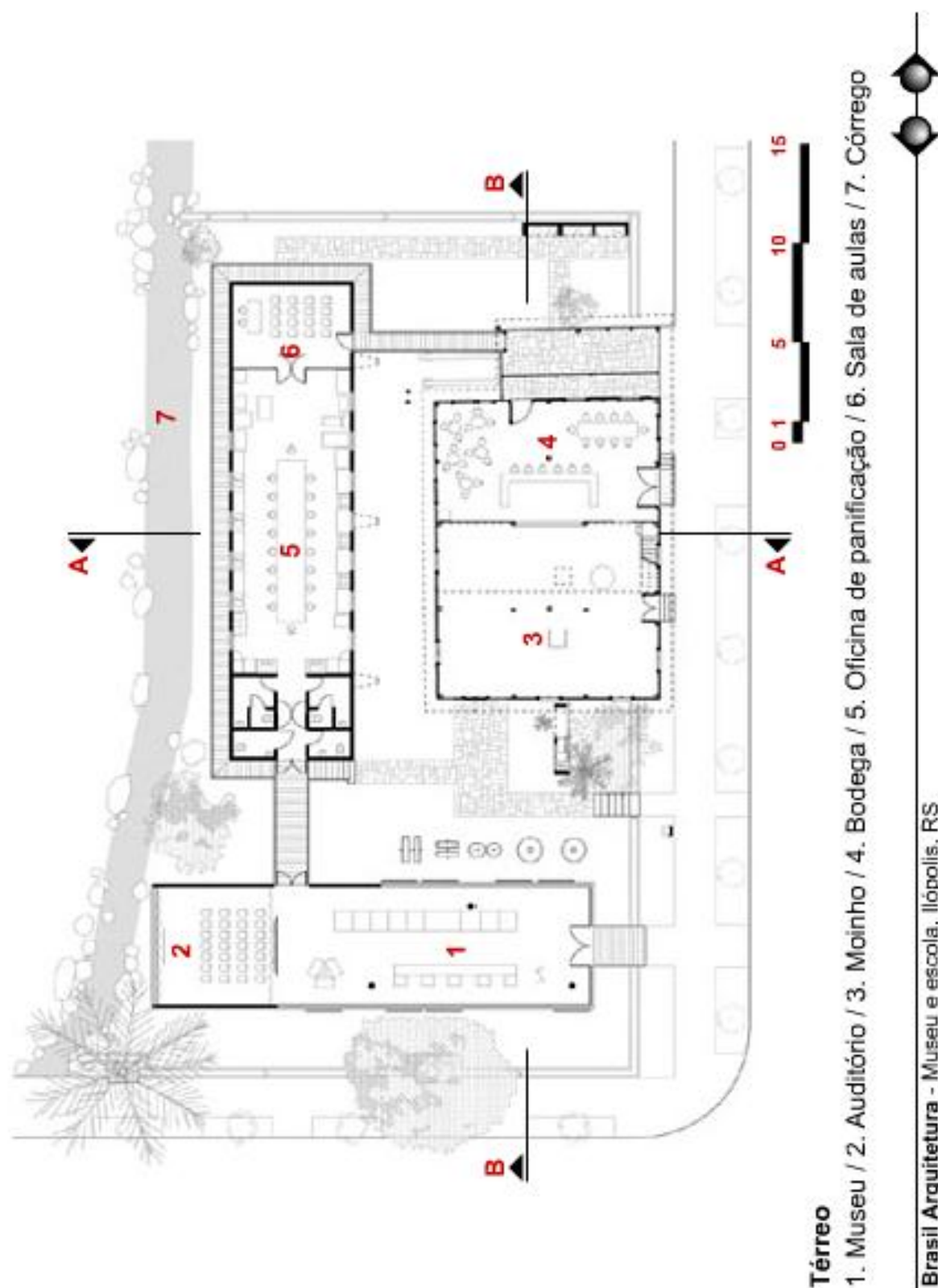


FIGURA 57 – PLANTA TÉRREA.



Brasil Arquitetura - Museu e escola, Ilópolis, RS

FIGURA 58 – CORTE AA.



Brasil Arquitetura - Museu e escola, Ilópolis, RS

FIGURA 59 – CORTE BB.

O moinho foi recuperado segundo projeto conjunto da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e da 12ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (que está tombando o prédio) e foi realizado em convênio com o Instituto Ítalo-Latino Americano (IILA), sediado em Roma. (SERAPIÃO, 2008).¹

Nos anexos onde funcionam o museu e a escola, os materiais de estrutura, fechamentos e aberturas, o controle de luz e as passagens, referenciam o antigo moinho e favorecem na arquitetura a museografia, neles estão expostos os primeiros objetos do museu: ferramentas culinárias, documentos, fotografias doadas pelos habitantes da região. A partir desta primeira iniciativa, o projeto ganhou nova força visando a valorização da riqueza cultural e histórica da região e ampliando seu circuito: Anta Gorda, Arvorezinha, Putinga e outras cidades vizinhas deverão ser “contagiadas” e juntamente formar o “Caminho dos Moinhos”. MEMORIAL DOS AUTORES. As cidades citadas também abrigam moinhos de tanto valor histórico quanto o de Ilópolis.

A passarela interliga os dois pavilhões, de áreas semelhantes. Os arquitetos propuseram dois volumes retangulares, de usos diferentes que dialogam com o moinho restaurado. O mais próximo a entrada principal é majoritariamente transparente e onde funciona o museu e o outro, ao fundo, fechado por empenas de concreto, é a oficina de panificação.



FIG. 60 E 61 – FOTOS DAS PASSARELAS TRELIÇADAS DE MADEIRA, INSPIRAÇÃO DA ARQUITETURA VERNÁCULA LOCAL.

¹ Em artigo de Fernando Sarapião, na revista Projeto e Design 337, 2008.

O que agrada muito nessa obra é a conexão articulada entre as formas e os usos. Segundo os autores (apud. SERAPIÃO, 2008), a “dialética permanente entre tradição e invenção, somada à nossa abertura crítica para assimilar e recriar linguagens e informações produzidas em outros cantos do planeta é um traço central da cultura brasileira”. A estrutura interna chama a atenção para os pilares de concreto com capitéis de madeira em tripla mão francesa, inspirados na estrutura interna do moinho. Ainda buscando ligação formal com o antigo galpão, os volumes são elevados do solo, seguindo sua cota, possibilitando que o acesso entre volumes acontecesse em nível. Os peitoris das passarelas se espelham nos da arquitetura vernacular regional e a madeira usada no restauro (*Araucária angustifolia*), com o passar do tempo deve atingir a tonalidade aproximada das tábuas antigas, bem como os painéis móveis do anexo lateral.



FIG. 62 - INTERIOR RESTAURADO DO MOINHO E O MAQUINÁRIO DE ARAUCÁRIA E QUE INSPIROU FANUCCI E FERRAZ.



FIG. 63 - INTERIOR DO MUSEU, DESTAQUE PARA OS PILARES.



FIG. 64 - PARA O ESCOAMENTO DE ÁGUAS PLUVIAIS, GÁRGULAS DE CONCRETO SOBRE A OFICINA DE PANIFICAÇÃO.



FIG. 65 - CORTINAS ESCURECEM O AUDITÓRIO.



FIG. 66 – BODEGA IMPLANTADA NO INTERIOR DO MOINHO.



FIG. 67 – INTERIOR DA ESCOLA DE PANIFICAÇÃO.

6. RECICLAGEM COM AMPLIAÇÃO DA FÁBRICA DE BISCOITOS VILLA ANNA

A proposta

Modificar um monumento provocando sua metamorfose será entender por completo sua configuração, apreciar seus valores e diagnosticar suas carências no âmbito de uma interpretação arquitetônica satisfatória. Mas será, igualmente, aplicar recursos compositivos, formais, especialmente pensados, tanto em seu significado frente a obra em que se atua como em sua própria natureza. (CAPITEL, 1999.)¹

A fábrica de biscoitos tem clientes fiéis em toda cidade há mais de 100 anos, sendo que o movimento da loja da fábrica não para até o final da tarde, com clientes indo e vindo com pacotes de biscoitos. Aliando ao espaço fabril de 1914, de interesse histórico, a produção especializada da fábrica, temos a combinação perfeita para um espaço de permanência onde se deseje estar. O que falta para criar esse espaço é uma sensível análise do que o torna interessante, explorar os elementos que devem se destacar, restaurar os que se perderam e intervir com uma possível ampliação para suprir com excelência as necessidades da fábrica e do novo espaço de permanência.

6.1. CAFETERIAS, CONFEITARIAS E PADARIAS

O novo uso que agregaria vida à Villa Anna, seria uma cafeteria ou casa de chás. É evidente a ligação produtiva e funcional das duas atividades, assim como é nítida a paixão do curitibano, como de muitas outras populações, pelo tradicional café ou chá com “bolachas” pela manhã ou à tardinha. Nesse capítulo faço menção à três estabelecimentos que considero bons exemplos da funcionalidade dessas atividades através das décadas e até mesmo séculos, numa coletânea de memórias, a Confeitaria Colombo, no Rio de Janeiro, e a Padaria América e Confeitaria das Famílias em Curitiba.

No centro do Rio de Janeiro, a Confeitaria Colombo está sempre lotada. A edificação tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

¹(CAPITEL, Antón. Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración. Madri: Alianza Editorial, 1999, p. 11)

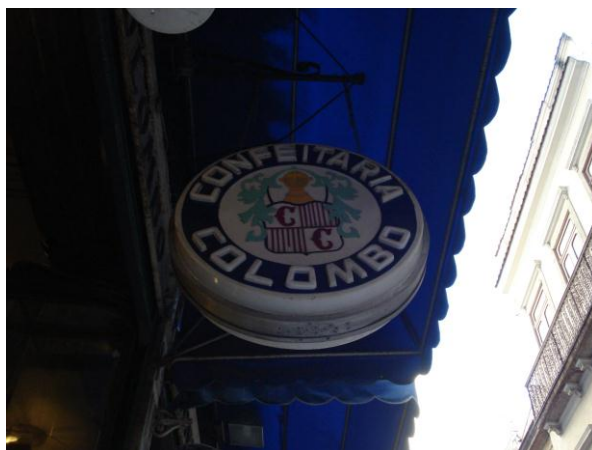
Nacional) em 1983 foi inaugurada em 1894 e ampliada em 1922, ano em que ganhou um salão de chá no mezanino, acessado por elevador, novidade tecnológica da época. Entre as características que se destacam no seu interior estão a clarabóia, as paredes com grandes espelhos trazidos da Bélgica, móveis de jacarandá e bancadas de mármore italiano, com todo o luxo da Belle époque carioca e hoje exibe o interior exatamente da mesma forma. Na confeitaria, em 2002, foi criado o “Espaço da Memória”, onde estão expostas baixelas de prata de Portugal, louças antigas, mais de quinhentos cardápios antigos, além de fotos e embalagens.



FIG. 68 – FACHADA DA CONFEITARIA COLOMBO.



FIG. 69 – INTERIOR DA CONFEITARIA COLOMBO.



FIGURAS 70 À 72 – FOTOS DA CONFEITARIA COLOMBO.

Em Curitiba há uma porção de cafeterias, confeitarias e padarias populares, entre elas as mais antigas e tradicionais são a Confeitaria das Famílias, na rua XV de Novembro e a Padaria América, na esquina da Rua Trajano Reis (antiga Rua América, razão do nome da padaria) com a Rua Presidente Carlos Cavalcanti.

A Padaria América foi fundada por Eduardo Engelhardt, descendente de pais alemães, em 1913, mas está no endereço atual desde 1928. A administração da padaria foi passada de geração em geração e é uma das preferidas pelos curitibanos, tendo ganhado o prêmio Veja Curitiba no quesito de melhor pão por cinco vezes (2000, 2001, 2003, 2005 e 2006). A Broa de Centeio da padaria está em processo de se tornar patrimônio imaterial cultural de Curitiba.



FIGURA 73 – VISTA DA ESQUINA DA PADARIA AMÉRICA.

A Confeitaria das Famílias, localizada na rua XV de Novembro de Curitiba, foi inaugurada em 1945 e se tornou famosa pela invenção da Torta Marta Rocha pelo confeiteiro espanhol Jesus Tezardo. Em 1984 sofreu uma reforma e modernizou os equipamentos, além de agregar um mezanino para Salão de chá. As receitas são secretas e os folhados são o produto de maior procura do estabelecimento.



FIGURA 74 – FOTO CONFEITARIA DAS FAMÍLIAS.

Tendo em vista a importância do patrimônio cultural hoje em nossa sociedade e especialmente o fenômeno que vem acontecendo com as estruturas fabris mais antigas, devido ao abandono visando espaços novos que atendam a demanda tecnológica dessas companhias. Além que acompanhar as muitas possibilidades que as teorias de preservação patrimonial oferecem para que as obras continuem em funcionamento e presentes nas vidas das pessoas, os exemplos citados acima mostram o reflexo que esse enredo vem proporcionando no cenário gastronômico mundial.

Todos os fatores expostos nessa pesquisa são partes integrantes da ideia que compõe a proposta para que a Villa Anna se torne um espaço de permanência de pessoas e uma edificação que continue fisicamente presente na história da cidade de Curitiba.

6.2 O LOTE – ANÁLISE E DIAGNÓSTICO

Como se trata de uma proposta de projeto de reciclagem, o lote acompanha uma edificação, a Fábrica de Biscoitos Villa Anna, que está localizada na esquina das ruas Constantino Marochi e Nicolau Maeder, no bairro Alto da Glória, em Curitiba. O bairro é o segundo com mais habitantes com mais de 60 anos da cidade, 20,55%, de acordo com o Censo 2010. Predominantemente residencial e com diversos comércios ao longo da Avenida João Gualberto, o bairro também abriga o estádio de futebol Major Antônio Couto Pereira.

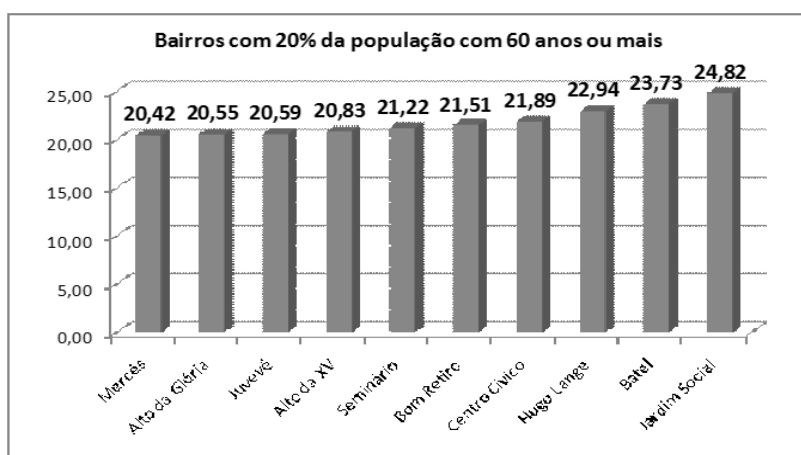


FIG.75 – GRÁFICO
RETIRADO DO SITE
DO IPPUC EM
28/09/12,
RESPECTIVO AO
CENSO DE 2010.

Fundado pelo Barão de Holleben, em meados de 1856, o bairro Alto da Glória recebeu, como primeiros moradores, a família Leão, que construiu a Capelinha de Nossa Senhora da Glória, motivo do nome do bairro, além do primeiro teatro da cidade. Os padres redentoristas tornaram Nossa Senhora do Perpétuo Socorro a padroeira da região e os devotos da santa passaram a criar problemas para o tráfego da Av. João Gualberto, uma das principais vias da cidade. Hoje a Igreja funciona em um edifício maior no bairro. (SITE DO IPPUC > ACESSADO DIA 28/09/2012).

Na coleção “Bairros de Curitiba”, Eduardo Emílio Fenianos (1996) escreve sobre a década de 50 no bairro Alto da Glória: “Apesar de possuir indústrias como os Pianos Essenfelder, os Biscoitos Glória e a Fábrica de Metros Haltrich, o bairro permanecia pacato. A maioria das famílias já era proprietária de suas residências devido à urbanização.”



FIGURA 76 – FOTO AÉREA DO BAIRRO ALTO DA GLÓRIA, À ESQUERDA O ESTÁDIO COUTO PEREIRA. À DIREITA A MALHA TRIANGULAR DESENHADA PELAS ÁRVORES.

Atualmente os lotes na região estão muito valorizados e cobiçados por construtoras e imobiliárias. Porém o proprietário da pequena fábrica de

biscoitos Villa Anna, neto do seu fundador, a mantém em funcionamento, recusando inúmeras ofertas pelo terreno. O cruzamento entre as ruas Constantino Marochi e Nicolau Maeder é muito favorecido em opções de transporte coletivo; são nove linhas convencionais: Augusto Stresser, Laranjeiras, Fernando de Noronha, Nossa Senhora de Nazaré, Paineiras, Santa Gema, Barreirinha, Juvevê - Água Verde e Estribo - Ahú. Duas linhas de ligeirinhos: Sta. Cândida - Capão Raso e InterII, e o biarticulado Sta. Cândida – Capão Raso.



FIGURA 77 – BAIRRO ALTO DA GLÓRIA, TERRENO DA VILLA ANNA MARCADO EM VERDE.

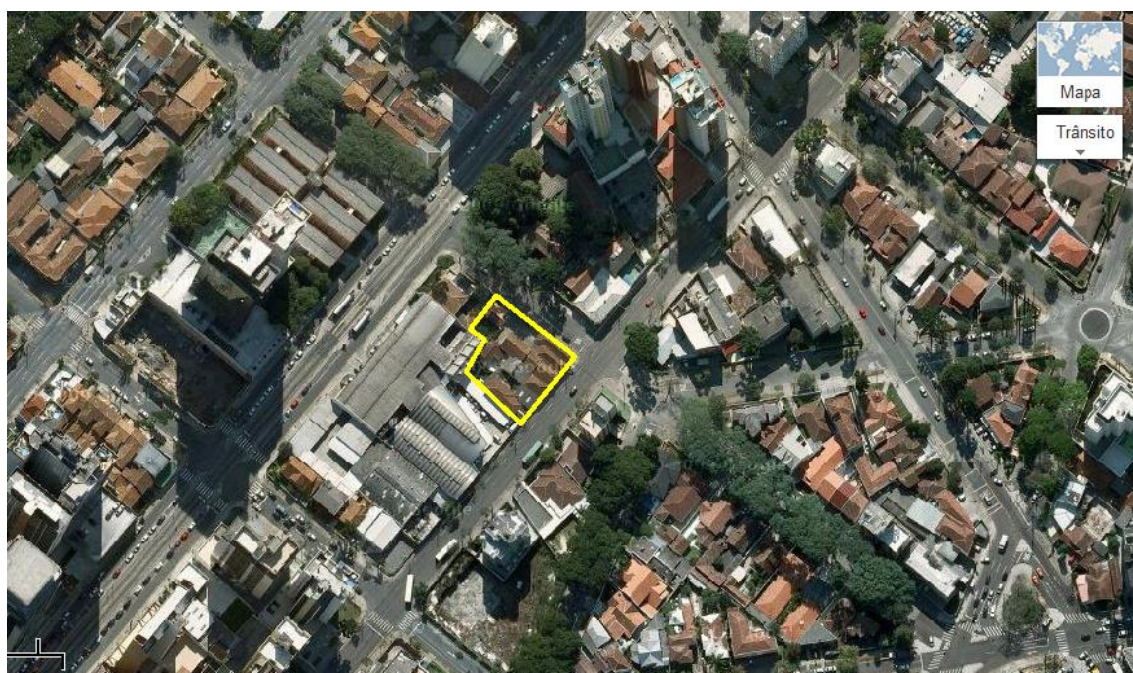


FIGURA 78 – FOTO AÉREA DO ENTORNO DO TERRENO DA VILLA ANNA.

6.3 A HISTÓRIA DA FÁBRICA

Os biscoitos artesanais da Fábrica de biscoitos Villa Anna são comercializados desde 1907. Angelo Vendrametto e Maria Bozza Vendrametto vieram da Itália, mas se conheceram e casaram no Brasil. Angelo trabalhava durante o dia na empresa Força e Luz e a noite, em uma panificadora arrendada com sua esposa fazendo pães e os famosos biscoitos, receitas dela. Em 1914 Angelo e Maria fundaram a Fábrica de Biscoitos Glória. O casal teve seis filhos: Iolanda, Ione, Ivette, Inês, Ivo e Maria Luiza, e apenas Angelo se manteve na administração da fábrica.

Chama a atenção o fato de Curitiba ter abrigado mais duas tradicionais fábricas de biscoitos, uma delas a dos Biscoitos Lucinda, fundada em 1912 e incorporada a indústria de alimentos Tip Top em 1980, o prédio da antiga fábrica foi substituído por edifícios de luxo, no bairro Cabral. E a fábrica da Todeschini, esta que foi a primeira fábrica de macarrão da região Sul, fundada pelo italiano Giuseppe Todeschini em 1870, a estrutura localizava-se num lote à rua Sete de Setembro, no Centro.



FIG. 79 - ÚNICO BISCOITO QUE LEVA O NOME DA ANTIGA FÁBRICA PARANAENSE DE BISCOITOS INCORPORADA A INDÚSTRIA DE ALIMENTOS TIP TOP.



FIG. 80 - O QUE RESTOU DA ANTIGA FÁBRICA DE ALIMENTOS TODESCHINI EM LOTE À RUA SETE DE SETEMBRO EM CURITIBA. UMA CHAMINÉ EM MEIO A EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS.

O filho de Ivo, Carlos Vendrametto, é quem toma conta da fábrica atualmente. Em pesquisa realizada na Casa da Memória de Curitiba, em entrevista realizada em 1982 à Cintia Braga Carneiro, Carlos afirma que não considera a fábrica como uma indústria e sim como um trabalho de artesanato, onde a matéria prima é a mais natural possível. Nesse ano o prédio ainda não havia sofrido reformas e a produção mensal era de nove mil quilos de biscoitos e casquinhas de sorvete. A pretensão de Carlos nunca foi a quantidade, mas sempre manter a qualidade do produto final. A produção atual é de aproximadamente 3 mil biscoitos, de dez tipos diferentes, produzidos por dez funcionários.

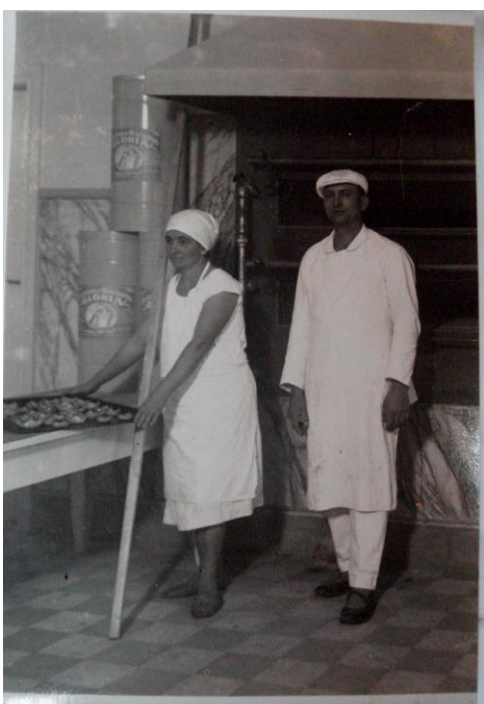


FIG. 81 – ANGELO E MARIA VENDRAMETTO EM FRENTE AO FORNO À DIESEL EM 1928. NAS MAOS DELA A FORMA COM BISCOITOS CRACKNEL.



FIG. 82 – FOTO ANTIGA DA FAMÍLIA NA ATUAL RUA CONSTANTINO MAROCHI. AO FUNDO O TELHADO DA FÁBRICA, SEM VESTÍGIOS DA CHAMINÉ.



FIG. 83 – FOTO ANTIGA DA FAMILIA VENDRAMETTO NO PÁTIO AO LADO DA FABRICA



FIGURAS 84 À 86 – EMBALAGENS DAS DÉCADAS DE 30 (CIMA) E 40 (À ESQUERDA).



FIGURAS 87 E 88 – OS CARROS DA FÁBRICA DESCARREGAVAM A MATÉRIA PRIMA NA ESQUINA DAS RUAS CONSTANTINO MAROCHI E NICOLAU MAEDER (AINDA DE BARRO NA ÉPOCA).



FIGURA 89 - FOTO DA FÁBRICA EM 1927.



FIGURA 90 – FAMÍLIA VENDRAMETTO E FUNCIONÁRIOS DA FÁBRICA.



FIG.91 – ANTIGO CARIMBO
PARA ETIQUETAR
EMBALAGENS.



FIG. 92 – EMBALAGENS DO
BISCOITO CRACKNEL E
POLVILHO PICO PATO.

Em matéria de um jornal da cidade em 1928, uma matéria intitulada **Iniciativas de Progresso**, descreve a solenidade da inauguração do primeiro forno elétrico da cidade, na “Fabrica Glória”, com a presença de várias autoridades e de Angelo Vendrametto. No princípio era utilizado o forno a lenha, depois se experimentou o forno a diesel e desde 1928 até hoje os biscoitos são assados em forno elétrico, o atual é de 1984.



FIGURA 93 – FOTO DE REPORTAGEM DE JORNAL SOBRE O PRIMEIRO FORNO ELÉTRICO DE CURITIBA.

UM FLAGRANTE DA SOLEMNIDADE, VENDO-SE AO FUNDO O FORNO ELECTRICO

Hontem, as 14 horas e meia, com a presença das autoridades civis e militares, grande numero de pessoas gradas e representantes da imprensa, a Cia. Força e Luz do Paraná fez a inauguração solemne do primeiro forno electrico que installa em nossa capital.

A iniciativa louvavel coube ao sr. Angelo Vendrametto, proprietario da Fabrica Gloria como suocessor do sr. Affonso Weias, situada no prolongamento da Avenida João Gualberto.

O forno, da marca "Edison", foi fornecido pela General Electric. Com a aquisição que vem de fazer, a Fabrica Gloria poderá servir de modelo aos estabelecimentos congêneres.¹

Os Biscoitos Glória, foram assim chamados até 1994, quando o nome mudou para Biscoitos Pico Pato, que até hoje é estampado nos pacotes dos biscoitos de polvilho e no ano 2000 recebeu o atual título de Biscoitos Villa Anna. Essa mudança de nome foi devido a uma causa judicial da empresa Nabisco, que ao comprar a empresa Laticínios Glória, resolveu requerer o nome para os seus biscoitos. Além disso, uma pesquisa da Associação

¹ Citação da reprodução do texto do artigo do jornal mostrado na figura acima, exposto no site <http://www.villaanna.com.br/frame.htm> (acessado dia 03/11/2012).

Nacional das Indústrias Alimentícias e de Biscoitos mostrou que apenas 30% dos clientes eram crianças; sendo assim, Carlos optou por adotar o título Villa Anna, por ser mais tradicional e agradar ao público alvo, além de evitar processos com a empresa Nabisco.

6.4. LEVANTAMENTO – SITUAÇÃO ATUAL DO PRÉDIO

Como não encontrei o projeto original da fábrica de biscoitos, fiz o levantamento da situação atual do prédio, tendo que tirar conclusões deduzidas pelas espessuras das paredes, materiais e dimensões diferentes e dos relatos do Amir, gerente da fábrica e do Carlos Vendrametto, o dono. Com isso apenas concluí que a fábrica já sofreu varias intervenções, precisou se adaptar a máquinas que já não usa mais, como as que produziam copinhos de sorvete, bolachas tipo maria e água e sal. Também descobri que Carlos e Amir tem como hobby fazer artesanatos de madeira e no prédio da fábrica tem uma ala que foi transformada em oficina e marcenaria.

A charmosa chaminé de tijolos à vista se vê a distancia. Alguns espaços parecem improvisados, como no corredor externo, coberto com telhas translúcidas, onde se guardam os cocos antes de serem abertos. Percebi muitos espaços ociosos nos salões e a circulação um pouco confusa, há varias opções de trajetos entre a fábrica, o forno e o pátio.



FIGURAS 94 E 95 – COCO ANTES E DEPOIS DE RALADO PARA PRODUÇÃO DO BISCOITO DE POLVILHO.

As antigas coifas de cimento dos fornos a lenha permanecem suspensas sem nenhuma fumaça para direcionar, aguardando seu destino. Os pisos originais, que pelas fotos parecem ladrilhos hidráulicos, segundo Carlos de tons amarelo e vermelho, foram cobertos por piso cerâmico de tons de bege claro e textura antiderrapante. Algumas esquadrias de madeira antigas, as que dão para o salão de produção da fábrica propriamente dito, foram substituídas por esquadrias mais simples, de metal, com menos divisórias de vidros e sem persianas.



ACIMA, NAS FIGURAS 96 E 97, DUAS PORTAS DO AMBIENTE DA FÁBRICA, A PRIMEIRA COM TELAS E A SEGUNDA APENAS DE MADEIRA, POR ONDE ENTRAM OS FUNCIONÁRIOS.

AO LADO, FIG. 98 – PORTA DE SAÍDA DO DEPÓSITO DE SECOS PARA A LATERAL DO TERRENO.



FIGURAS 99 E 100 – RESPECTIVAMENTE ESQUADRIA METÁLICA DA ÁREA DE PRODUÇÃO DA FÁBRICA E ESQUADRIA INTERNA ENTRE COZINHA E DEPÓSITO DE SECOS.

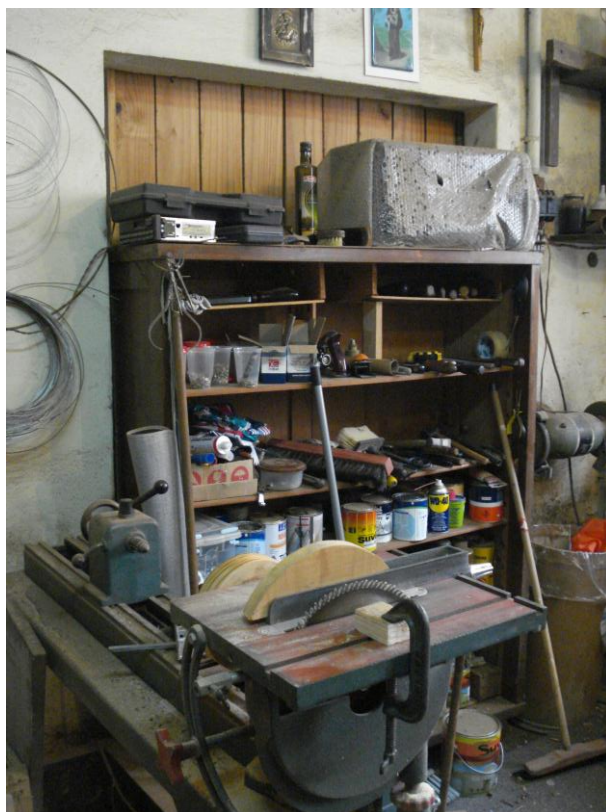


FIG. 101 – FOTO DA OFICINA DE MARCENARIA DO PROPRIETÁRIO, LOCALIZADA NO MESMO LOTE DA FÁBRICA. EM DESTAQUE A ABERTURA ENCOBERTA POR UM TAPUME DE MADEIRA, DO OUTRO LADO ESTA O HALL DA PORTA QUE ABRE PRA ESQUINA.



FIG. 102 – ANTIGA PAREDE QUE FOI RECORTADA PARA RECEBER AS MÁQUINAS QUE FABRICAVAM OS COPINHOS DE SORVETE, HOJE NÃO MAIS PRODUZIDOS NA VILLA ANNA.



FIG. 103 – MOEDOR DE AÇUCAR CRISTAL. O AÇUCAR DE CONFEITEIRO É PRODUZIDO ATRAVÉS DA MOAGEM DO AÇUCAR CRISTAL PARA OBTENÇÃO DE UM PRODUTO MAIS NATURAL.



FIG. 104 – BASE DA CHAMINÉ.



FIGURAS 105 E 106 – FORROS COM AMEAÇAS DE QUEDA DEVIDO A MOVIMENTAÇÃO DO SOLO CAUSADA POR TRATORES ESCAVANDO OS LOTES VIZINHOS PARA PREPARAÇÃO DE FUNDAÇÃO DE EDIFÍCIOS.



FIG. 107 – DETALHE.



FIGURAS 108 À 112 –
 ARMAZENAMENTO E PENEIRA DE
 FARINHA DE TRIGO. BATEDEIRA
 INDUSTRIAL, PANELA DE
 DERRETER AÇUCAR E BISCOITOS
 DE MELADO RECENTES TIRADOS DO
 FORNO.



FIG. 113 À 117 – PRODUÇÃO DOS BISCOITOS.



FIG. 118 – BISCOITOS POSTOS PARA O RESFRIAMENTO.



FIG. 119 – BISCOITOS NA ESPERA PARA SEREM “GLACEADOS” NA MÁQUIA AO LADO.



FIG. 120 – PRATELEIRAS DA LOJA DA FÁBRICA.



FIG. 121 – ENTRADA DA FÁBRICA, PELA RUA CONSTANTINO MAROCHI.



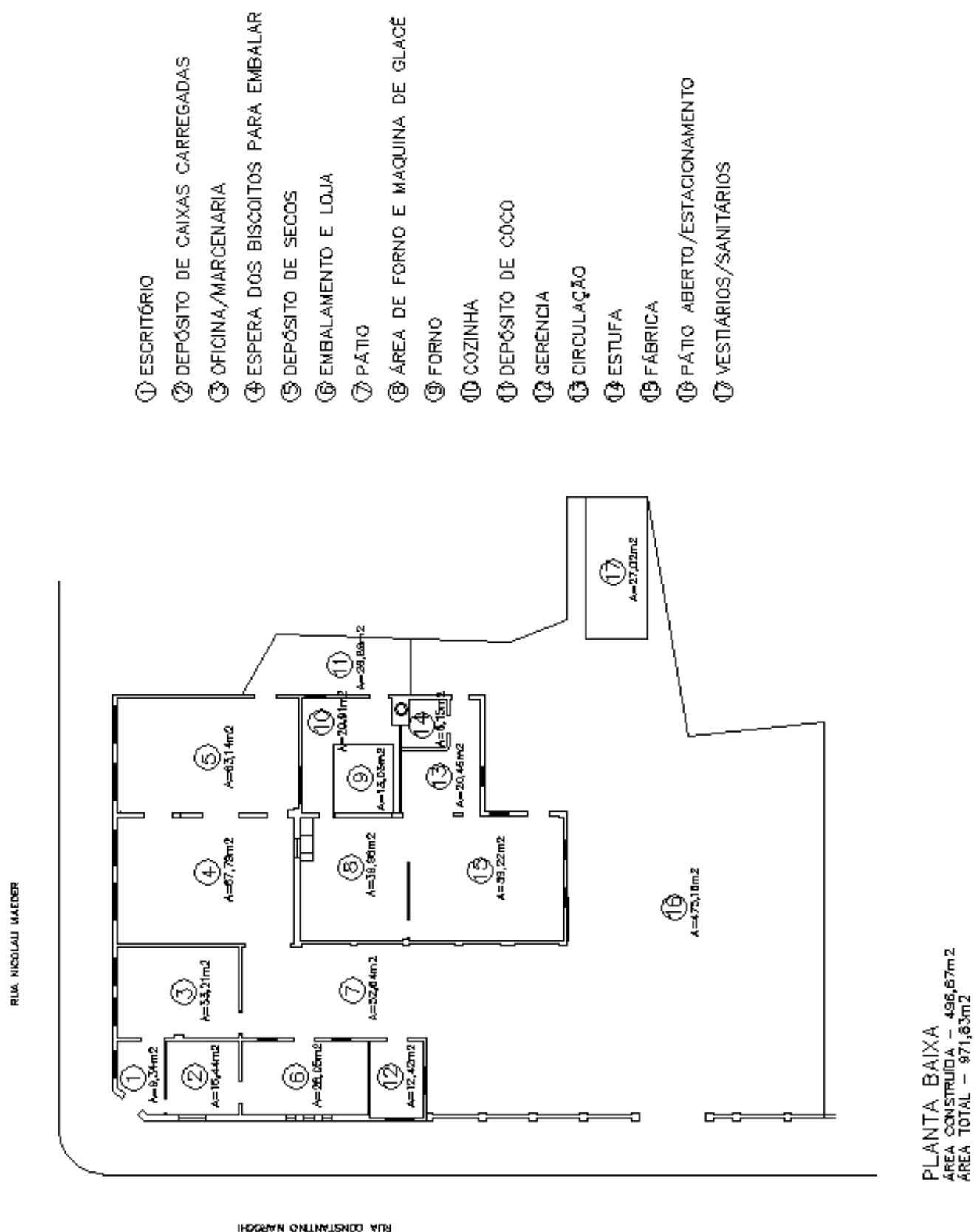
FIG. 122 – FACHADA RUA CONSTANTINO MAROCHI.

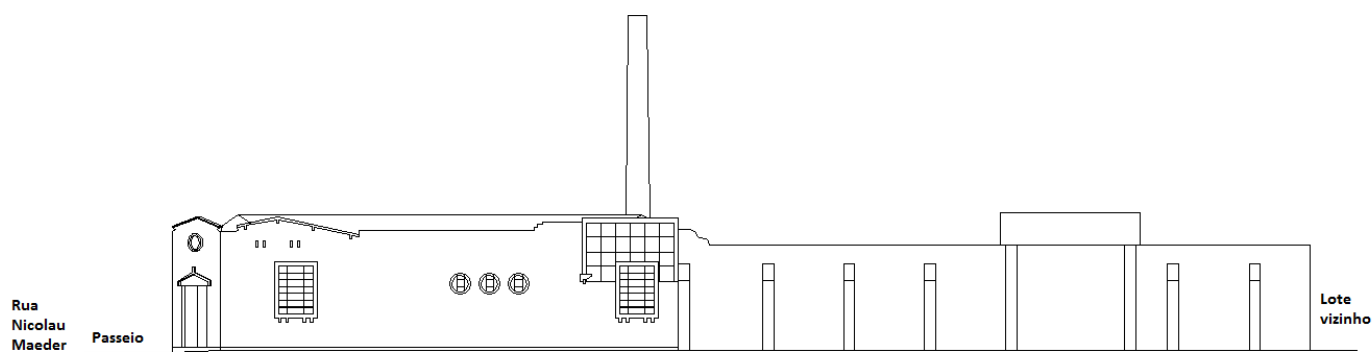


FIG. 123 – ESQUINA RUAS NICOLAU MAEDER E CONSTANTINO MAROCHI E SKYLINE DE PRÉDIOS ESPELHADOS.



FIGURAS 124 À 127 – FOTOS DA FÁBRICA DE BISCOITOS EM 2012.





ELEVAÇÃO 01
RUA CONSTANTINO MAROCHI

FIGURA 129 – ELEVAÇÃO RUA CONSTANTINO MAROCHI.



ELEVAÇÃO 02
RUA NICOLAU MAEDER
FIGURA 130 – ELEVAÇÃO RUA NICOLAU MAEDER.



ELEVAÇÃO 03
INTERNA, DO PÁTIO PARA A EDIFICAÇÃO
FIGURA 131 – ELEVAÇÃO A PARTIR DO PÁTIO INTERNO.

Externamente, nas elevações, vê-se um jogo de volumes dos telhados, alguns com águas de dupla inclinação, como uma dança, a Rua Nicolau Maeder possui um pequeno declive. As esquadrias e suas molduras quase parecem uma referência preguiçosa do estilo Art Decô, mas outros desenhos dizem que não, são formas que seguem uma certa ordem, mas quebram o ritmo antes de se tornarem um padrão.

6.5. PROGRAMA E DIMENSIONAMENTO

Devido a pequena variedade da matéria prima para a fabricação dos biscoitos, da escala de produção e pouca estocagem, o programa da fábrica é simplificado. O funcionamento da fábrica pode ser resolvido em oito ambientes:

- Depósito de Secos
- Fábrica – Produção
- Forno
- Cozinha
- Depósito do produto assado
- Embalamento
- Loja
- Produto à ser transportado

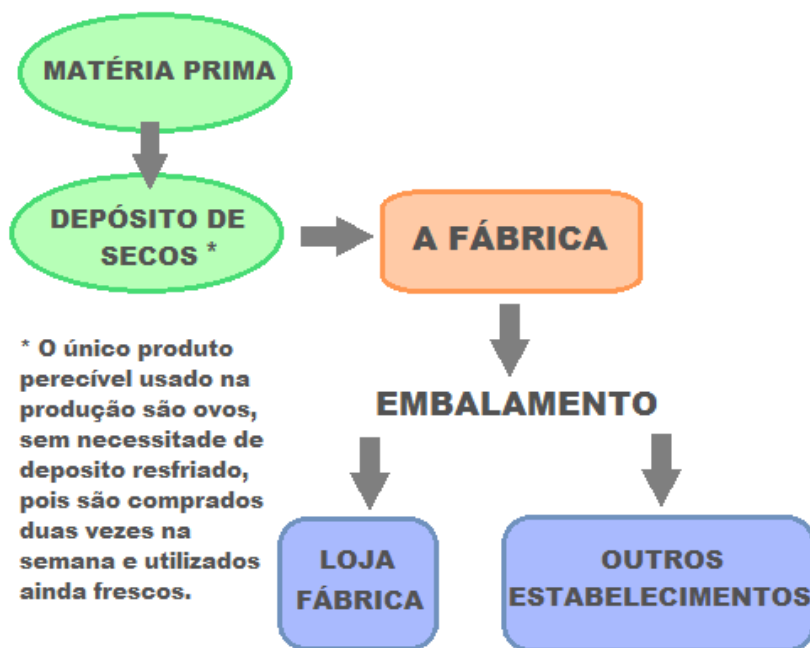


FIGURA 132 – ORGANOGRAMA DA PRODUÇÃO DE BISCOITOS ARTESANAIS
VILLA ANNA.

A parte desse ciclo são necessárias uma sala de gerência, um pátio para carga e descarga de produtos, vestiários e sanitários para os funcionários e um espaço QVT (Qualidade de Vida no Trabalho), que consiste em algumas poltronas para descanso e uma pequena copa, com geladeira, micro-ondas, pia e mesa ou bancada para preparo de refeições rápidas.

Para agregar à fábrica o uso de um espaço gastronômico de permanência, será necessária a criação de novos ambientes envolvidos em uma dinâmica mais complexa, para atender aos clientes e a um novo fluxo de produtos. No caso de uma cafeteria, além de lugares agradáveis para a permanência, uma porção de aparelhos como estufa para alimentos aquecidos, máquinas de fazer cafés, moer grãos, vaporizar o leite, freezers para laticínios, geladeiras para frutas e outras comidas, tudo isso disposto em uma nova cozinha e bancadas, entre outras necessidades. E além da infra estrutura para sustentar o funcionamento do estabelecimento, requisitos da legislação regional e federal devem ser atendidos, bem como normas de acessibilidade, que exigem piso podotátil, rampas de pouca inclinação, sanitários adequados, entre outros detalhes técnicos. Há as normas da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), para evitar contaminações e manter a boa higiene do local e as exigências do Corpo de Bombeiros, visando medidas de precaução em situações de emergência.

7. LEIS SANITÁRIAS

O objetivo de regulamentar e normatizar procedimentos operacionais relacionados à produção e manipulação de alimentos é alcançar a segurança alimentar, prevenindo, minimizando e eliminando agentes e fatores causadores das toxico-infecções alimentares, ou DTA's (doenças transmitidas por alimentos).

A Vigilância Sanitária detém leis específicas para empresas produtoras e manipuladoras de alimentos, que constam na Resolução RDCN.216 de 15/09/04, portarias no 1.428/MS e no 326 – SVS/MS, de 30/07/97. Além da lei federal, existem códigos sanitários estaduais e municipais. Com base na lei federal, com relação à estrutura e edificação, mencionam-se as seguintes normas:

- O piso deve ser de material liso, resistente, impermeável e lavável.
- As paredes devem ter acabamento liso, impermeável, lavável, isentas de fungos.
- Os forros e teto também devem ser de material liso, resistente, impermeável e lavável, sem goteiras, vazamentos e umidade.
- As portas e janelas necessitam ter superfícies lisas, de cor clara e fácil limpeza.
- A iluminação deve acontecer uniformemente.
- O ambiente deve ser ventilado, com constante renovação do ar, livrando-o de fungos, gases e fumaça.
- Deve haver lavatórios em lugares convenientes para a lavagem e secagem das mãos próximos às operações que assim exijam, estando a disposição do funcionário sabonete líquido, toalha de papel e lixeira com abertura por pedal.
- As instalações sanitárias devem ser separadas por sexo, estar em bom estado de conservação, o que consiste em ter vaso sanitário com tampa, pia, papel higiênico, lixeira com abertura por pedal, sabão neutro, toalha de papel de cor clara e não reciclado.

CONCLUSÃO

Os tópicos mencionados nessa pesquisa abrangeram mais atentamente a temática da influência da arquitetura como legado cultural e como ferramenta para intervir no mesmo, bem como os processos que podem tornar edificações do passado instrumentos de enriquecimento dos conhecimentos humanos.

É a partir do aprendizado adquirido nessa pesquisa e em minha formação ao longo do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPR, que sigo na expectativa de solucionar a problemática proposta para o Trabalho Final de Graduação do Curso. Proposta esta que é o desenvolvimento de uma medida de conservação da edificação que abriga a Fábrica de Biscoitos Artesanais Villa Anna, no bairro Alto da Glória em Curitiba, através de um projeto arquitetônico que intervenha na atual estrutura, acrescentando novo uso, provocando a frequência e permanência em um espaço que tem sido pouco mencionado pela população curitibana.

Para esta intervenção, no entanto, buscarei ao máximo não provocar qualquer ato que cause desconforto aos participantes da história e memória da fábrica. Tanto a família Vendrametto, responsável pelo edifício desde a sua fundação até hoje, quanto aos fiéis consumidores dos biscoitos Villa Anna e Pico Pato. Farei isso me utilizando das experiências relatadas pelos teóricos do passado sobre medidas intervencionistas.

BIBLIOGRAFIA

BENEVOLO, L. **História da arquitetura moderna**. 3ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1998.

CAPITEL, Antón. **Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración**. Madri: Alianza Editorial, 1999.

CASTRO, Cleusa de. **Permanências, transformações e simultaneidades em arquitetura**. 2003. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul em convenio com a Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. Defesa: Porto Alegre, 2003.

CASTRO, Cleusa de. **Collage: justaposição e fragmentação em arquitetura**. 2009. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Defesa: São Paulo, 2009.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade / Ed. Unesp, 2001.

FENIANOS, Eduardo Emílio. **Alto da Glória, dos Barões aos Atletibas**. Curitiba: UniverCidade, 1996.

FURUZAWA, Lorena. **Edifício multifuncional: Rebouças revisado**. [S.l.: s.n.], 2009.

GIEDION, S. **Espacio, tiempo y arquitectura**. Madrid: Editorial Dossat, 1978.

HARDMAN, F.F.; LEONARDI, V. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. São Paulo: Global, 1982.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo – reflexões sobre a sua preservação**. São Paulo: Ateliê Editorial – Fapesp – Secretaria da Cultura, 1998.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização – problemas teóricos de restauro**. São Paulo: Ateliê Editorial – Fapesp, 2008.

LEMOS, Carlos. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

LEMOS, Carlos. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LOBELLO, Marino. **A metrópole e a Arte**. Campinas, São Paulo: Prêmio, 1992.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. **Identidade Cultural e Arqueologia**. IN: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.20, 1984.

OLIVEIRA, Raquel Diniz. **Patrimônio: Lazer & Turismo**, v. 6, n. 7, jul.-ago.-set./2009, p. 75-91.

PALLASMAA, Juhani. **Los Ohos de la Piel**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

PAREDES, Cristina. **Industrial CHIC: Reconverting Spaces**. Mondovi, Italy: ArtiGrafiche, 2006.

PEVSNER, Nikolaus. **A history of building types**. Nova Jersey: Princeton University Press, 1997.

PHILLIPS, A. **Arquitectura industrial**. Barcelona: Gustavo Gili, 1993.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e patrimonio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

SANTOS, Ademir Pereira dos Santos. **Arquitetura industrial: São José dos Campos**. São Jose dos Campos: A.P. dos Santos, 2006.

SILVA, Rodrigo da; OLIVEIRA, Carlos Eduardo França de. **Memória da Cidade**: História e patrimônio urbano no Brasil. São Paulo: Conceito Humano, 2011.

WILD, Friedemann. **Proyecto y Planificación: Edificios para la industria**. Barcelona: Gustavo Gili, S. A., 1976.

WEBGRAFIA

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaInicial.do>

> Acessado:04/04/2012

<http://taticaverna.blogspot.com.br/>

> Acessado dia 14/06/2012

http://www.iepg.unifei.edu.br/edson/CGprograma_arquivos/Vigor.pdf

> Acessado dia 15/06/12

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.086/3049>>

>Acessado dia 26/09/2012

<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/espacos-culturais/espaco/casa-romario-martins>

>Acessado 26/09/12

[http://www.arcoweb.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1056:brasil-arquitetura-10-04-](http://www.arcoweb.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1056:brasil-arquitetura-10-04-2008&catid=7&Itemid=115&tmpl=component&print=1&layout=default&page=)

[2008&catid=7&Itemid=115&tmpl=component&print=1&layout=default&page=](http://www.arcoweb.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1056:brasil-arquitetura-10-04-2008&catid=7&Itemid=115&tmpl=component&print=1&layout=default&page=)

> Acessado 02/10/12

<http://www.brasilarquitetura.com/projetos.php?mn=6&img=01&bq=img&mn2=92>

> Acessado dia 02/10/12

<http://www.msb-arquitectos.net/projecto.php?cod=msb81&id=814>

> Acessado 02/10/12

<http://www.vigilanciasaude.com.br/alimentos.html>

> Acessado dia 04/10/12.

<http://www.fernandoalda.com/index.php?Opc=105&Lng=1&Par1=551>

> Acessado em 02/10/2012.

[http://globoesporte.globo.com/platb/pr-torcedor-coritiba/tag/alto-da-gloria/foto-alto da glória](http://globoesporte.globo.com/platb/pr-torcedor-coritiba/tag/alto-da-gloria/foto-alto-da-gl%C3%B3ria)

>Acessado dia 09/09/12.

<http://europaconcorsi.com/projects/195051-Convent-restoration-into-Social-Building/print> acessado em 02/10/2012

>Acessado dia 02/10/12.

www.unesco.org

>Acessado dia 04/04/12.

<http://www.anvisa.gov.br/alimentos/bpf.htm>

>Acessado 09/09/12

<http://www.confeitariacolombo.com.br/site/>

>Acessado 11/10/2012

<http://bares-e-restaurantes.hagah.com.br/especial/pr/gastronomia-pr/19,0,3813517,Conheca-algumas-das-mais-tradicionais-panificadoras-de-Curitiba.html>

>Acessado 11/10/12

<http://www.americapadaria.com.br/>

>Acessado 11/10/2012

<http://www.ippuc.org.br/default.php>

>Acessado em 28/09/12

http://www.google.com.br/imgres?um=1&hl=pt-BR&client=firefox-a&rls=org.mozilla:pt-BR:official&biw=1525&bih=741&tbn=isch&tbnid=qXaUbWOuQxlcpM:&imgrefurl=http://www.gazetadopovo.com.br/blog/conexaobrasilia/index.phtml%3Fmes%3D200910&docid=dXgrJvJt-2hWWM&imgurl=http://www.gazetadopovo.com.br/midia_tmp/370--UFPR-AC_201009.jpg&w=370&h=235&ei=aZdsUlibJIXn0QHgjIBQ&zoom=1&iact=hc&vpx=1200&vpy=291&dur=207&hovh=179&hovw=282&tx=181&ty=98&sig=110138556164739567625&page=1&tbnh=126&tbnw=178&start=0&ndsp=29&ved=1t:429,r:13,s:0,i:108

>Acessado dia 03/10/12

http://www.google.com.br/imgres?um=1&hl=pt-BR&client=firefox-a&rls=org.mozilla:pt-BR:official&biw=1525&bih=741&tbn=isch&tbnid=UZmMgWYnrwoVNM:&imgrefurl=http://www.circulandoporcuritiba.com.br/2010_10_01_archive.html&docid=ItORfYxDnPqiFM&imgurl=http://2.bp.blogspot.com/_STMEfocjkW4/TLuOD_Q2tVI/AAAAAAAAAB-0/OPq3EcO-TNw/s1600/WCT_18%252Bde%252Babril%252Bde%252B2010_0069.jpg&w=1600&h=1069

<http://www.villaanna.com.br/frame.htm1600&h=1064&ei=QZdsUMTxAfGN0QH R4IHQDA&zoom=1&iact=hc&vpx=1082&vpy=288&dur=498&hovh=183&howw=275&tx=111&ty=105&sig=110138556164739567625&page=1&tbnh=118&tbnw=167&start=0&ndsp=31&ved=1t:429,r:13,s:0,i:108>

>Acessado dia 03/10/12

<http://www.ebay.com/itm/Spencer-Kellogg-Elevator-Buffalo-NY-photo-picture-/360176890396>

>Acessado dia 12/09/12

http://images-00.delcampe-static.net/img_large/auction/000/150/973/823_001.jpg

>Acessado dia 12/09/12.

http://www.siemens.com/history/en/news/assembly_hall.htm

>Acessado dia 12/09/12.

<http://justurbanism.com/2011/06/29/fagus-factory-joins-unesco-heritage-list/>

>Acessado dia 12/09/12.

<http://www.arthistory.upenn.edu/spr01/282/w4c2i15.htm>

>Acessado dia 12/09/12.

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897>

>Acessado dia 04/10/12.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sesc_pompeia.JPG

>Acessado dia 06/10/12.

<http://www.diariodemarilia.com.br/Noticias/114926/Em-cada-rudo-uma-lembrana>

>Acessado dia 04/10/12.

<http://www.google.com.br/imgres?um=1&hl=pt-BR&safe=active&sa=X&rls=com.microsoft:pt-br:IE-SearchBox&biw=1280&bih=827&tbs=ic:gray&tbnid=Qby3BPKxu16-VM:&imgrefurl=http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300g33.htm&docid=85fD82jEXftvM&itg=1&imgurl=http://www.novomilenio.inf.br/santos/1913/h0300gp0435.jpg&w=550&h=378&ei=we0WUO ICqn20gHer4HoCA&zoom=1&iact=hc&vpx=384&vpy=186&dur=1326&hovh=186&howw=271&tx=157&ty=108&sig=114867064876878705503&page=3&tbnh=133&tbnw=193&start=55&ndsp=28&ved=1t:429,r:1,s:55,i:253>

>Acessado dia 05/10/12.

<http://www.villaanna.com.br/frame.htm>

>Acessado dia 14/10/12.

<http://www.saopauloantiga.com.br/antarctica-paulista/>

>Acessado dia 05/10/12.

<http://www.flickr.com/photos/27046744@N08/3540288481>

>Acessado dia 05/10/12.

<http://mundobotafogo.blogspot.com.br/2012/04/fabrica-de-tecidos-botafogo.html>

>Acessado dia 04/10/12.

<http://www.abras.com.br/clipping.php?area=9&clipping=6846>

>Acessado 02/11/2012

http://www.google.com.br/imgres?start=140&um=1&hl=pt-BR&safe=active&sa=X&rls=com.microsoft:pt-br:IE-SearchBox&biw=1280&bih=827&tbs=ic:gray&tbm=isch&tbnid=x9AhBzeF4W1wM:&imgrefurl=http://www.wescadaresgatandonossahistoria.blogspot.com/2012/04/usina-barao-de-suassuna.html&docid=uEViSTJ69ykeXM&imgurl=http://2.bp.blogspot.com/-VTr8nrY2TKQ/T59AREAqa7I/AAAAAAAAAb0/DaiVCjj65Q0/s1600/img005.jpg&w=1600&h=1100&ei=ze0WUK_3FeaB0QHn84CwCQ&zoom=1&iact=hc&vpx=939&vpy=468&dur=4368&hovh=186&howw=271&tx=180&ty=129&sig=114867064876878705503&page=6&tbnh=135&tbnw=177&ndsp=31&ved=1t:429,r:5,s:140,i:204

>Acessado 04/10/12.

<http://www.millarch.org/artigo/david-carneiro-o-que-construiu-o-cine-opera>

>Acessado 02/11/2012

https://maps.google.com.br/maps?hl=en&q=Hospital+San+Bernardo,+Sevilla&bv=on.2,or.r_gc.r_pw.r_qf.&bpcl=37189454&biw=1366&bih=607&um=1&ie=UTF-8&sa=N&tab=wl

>Acessado 03/11/2012

FILMOGRAFIA

Brilho Eterno de uma mente sem lembranças (Eternal Sunshine of the Spotless Mind). EUA, 2004. Direção: Michel Gondry.

